



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**LARA BEATRIZ FERREIRA PALMEIRA**

**A IMPRENSA NO CASO DO MANÍACO DE GOIÂNIA**

**GOIÂNIA**

**2022**

**Lara Beatriz Ferreira Palmeira**

**A IMPRENSA NO CASO DO MANÍACO DE GOIÂNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em jornalismo.

**Orientadora: Prof. Me. Denize Daudt Bandeira**

GOIÂNIA

2022

**LARA BEATRIZ FERREIRA PALMEIRA**

**A IMPRENSA NO CASO DO MANÍACO DE GOIÂNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Goiânia, 08 de dezembro de 2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Me. Maria Carolina Gilioli Goos**  
**Pontifícia Universidade Católica de Goiás**

---

**Prof. Me. Gabriella Luccianni de Moraes Souza Calaça**  
**Pontifícia Universidade Católica de Goiás**

---

**Me. Denize Daudt Bandeira**  
**Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora**  
**Pontifícia Universidade Católica de Goiás**  
**Dedicatórias**

Dedico esse trabalho à minha mãe, Leila Daiane Ferreira da Silva, que sempre esteve ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória. Dona Leila não mediu esforços para lutar por minha educação. Essa vitória é nossa!

Aos meus avós maternos, Benedita Beatriz Ferreira Silva e Joaquim Rodrigues da Silva (in memorian), que me ensinaram valores importantes para toda a vida.

Aos meus avós paternos, Marizeti Palmeira Machado e José Machado Palmeira. Obrigada por terem fé em mim e orgulho da minha trajetória.

À minha professora e orientadora, Denize Daudt Bandeira, muito obrigada pela confiança e dedicação. Gratidão por me manter motivada durante o processo. É um grande privilégio poder chamá-la de minha orientadora.

À todas as vítimas do maníaco de Goiânia. Que nosso País possa trilhar uma busca permanente pela justiça social.

## **Agradecimentos**

Meus sinceros agradecimentos aos jornalistas Rosana Melo, Galtiry Rodrigues, Jairo Menezes, Silvana Bittencourt e Renato Alves, que gentilmente me receberam. Sem vocês este projeto não seria possível.

## **RESUMO**

Goiânia vivenciou nos anos de 2013 e 2014 uma série de crimes que chocaram, não apenas a capital, mas o país. Situação que provocou pânico em milhares de pessoas, principalmente nas de perfil parecido com os das vítimas, que começavam a ganhar destaque na mídia local. Nesse período, passava a circular na imprensa a possibilidade de que os assassinatos foram cometidos por uma única pessoa, o que apontava para a existência de um *serial killer*. O presente trabalho tem como objetivo discutir o papel da imprensa sobre o caso - que ganhou destaque local, nacional e internacional -, a partir dos jornalistas que cobriram o fato, que por mais de um ano foi manchete nos jornais impresso, televisivo e de rádio.

**PALAVRAS - CHAVE:** Jornalismo. Serial killer. Crimes. Manchete. Imprensa

## **ABSTRACT**

In 2013 and 2014, Goiania experienced a series of crimes that shocked not only the capital, but the country. This situation caused panic among thousands of people, especially those with similiar profiles to the victims, who were beginning to gain prominence in the local media. During this period, the possibility began to circulate in the press that the murders were comitted by a single person, wich pointed to the existence of a serial killer. The presente work aims to discuss the role of the press on the case – wich gained local, national and international prominence – from the journalists who covered the fact, wich for more than a year was headlines in print, television and radio newspapers.

**KEYWORDS:** Jounalism. Serial killer. Crimes. Headline. Press.

## Sumário

Introdução	09
<b>CAPÍTULO I - REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>10</b>
1.1 O JORNALISMO	10
1.2 JORNALISMO INVESTIGATIVO	15
1.3 OS CRIMES QUE CHOCARAM GOIÂNIA	16
1.4 O <i>SERIAL KILLER</i> DE GOIÂNIA	18
<b>CAPÍTULO II - DIÁRIO DE PRODUÇÃO</b>	<b>23</b>
2.1 PODCAST	23
2.2 PRODUÇÃO DE PODCAST	24
2.3 ETAPAS DE PRODUÇÃO	25
<b>2.3.1 Pesquisa do tema</b>	<b>26</b>
<b>2.3.2 Entrevistas</b>	<b>26</b>
<b>2.3.3 Transcrição e decupagem</b>	<b>26</b>
<b>2.3.4 Roteiro</b>	<b>26</b>
<b>2.3.5 Gravação</b>	<b>27</b>
<b>2.3.6 Edição</b>	<b>27</b>
2.4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS	27
<b>Conclusão</b>	<b>29</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>31</b>
<b>Anexo - Termo de autorização de uso de voz e imagem</b>	<b>33</b>
<b>Apêndice A – Pauta</b>	<b>34</b>
<b>Apêndice B - Transcrição das entrevistas</b>	<b>35</b>
<b>Apêndice C – Roteiro do podcast</b>	<b>61</b>

## Introdução

Goiânia vivenciou nos anos de 2013 e 2014 uma série de crimes que chocaram, não apenas a capital, mas o país. Situação que provocou pânico em milhares de pessoas, principalmente nas de perfil parecido com os das vítimas, que começavam a ganhar destaque na mídia local, como capa do O Popular de 2014. Nesse período, passava a circular na imprensa a possibilidade de que os assassinatos foram cometidos por uma única pessoa, o que apontava para a existência de um *serial killer*.

O presente trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de contar a história - que ganhou destaque local, nacional e internacional -, a partir dos jornalistas que cobriram o caso, que por mais de um ano foi manchete nos jornais impresso, televisivo e de rádio. Para a condução do projeto, fez-se necessário resgatar a história e o desenvolvimento do jornalismo, assim como seu caráter investigativo, o que resultou no Capítulo I (Revisão de Literatura)<sup>1</sup>, além de informações sobre o caso do maníaco de Goiânia, como ficou conhecido à época.

Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas com os principais jornalistas de Goiás que integraram a cobertura do caso do *serial killer* de Goiânia (Tiago Henrique Gomes da Rocha). Contribui ainda um jornalista que atuava à época no Correio Braziliense. Essa etapa do projeto foi fundamental na compreensão de como a imprensa entende o seu papel na investigação que levou à prisão do criminoso. Ressalta-se que o trabalho jornalístico foi considerado à época como essencial para a solução dos assassinatos.

A pesquisa, que resultou em um podcast de 24 minutos, com o título A imprensa no caso do maníaco de Goiânia, conta com relatos dos jornalistas Rosana Melo, Galtieri Rodrigues, Jairo Menezes, Silvana Bittencourt e Renato Alves. O perfil dos entrevistados pode ser conferido no Capítulo II (Diário de Produção). Dentre as justificativas para a realização do projeto experimental está a necessidade de trabalhos que coloquem em discussão a cobertura de crimes, tão presentes na história da imprensa, e o aumento significativo no consumo de conteúdo de *True Crime*.

---

<sup>1</sup> A discussão teórica do trabalho foi apresentada no 6º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia realizado nos dias 3 e 4 de novembro. O trabalho, com o título, Cobertura jornalística no caso do maníaco de Goiânia: uma reflexão sobre o papel da imprensa à época dos assassinatos, integrou o GT- História do Jornalismo - ALCAR. Texto indicado para publicação nos anais do evento.

# MEMORANDO DE PRODUÇÃO

## CAPÍTULO I

### REVISÃO DE LITERATURA

#### 1.1 O jornalismo

Ciro Marcondes Filho (2002, p.10) lembra que “o saber, o acesso aos documentos, o direito à pesquisa esteve, até as invenções dos tipos móveis por Gutenberg, nas mãos da Igreja”. Cenário que sofreu mudanças significativas por volta do ano de 1439, quando o alemão revolucionou a técnica de impressão, ao usar a prensa e os tipos móveis de metais. A prensa de Gutenberg (1439-1440) transformou o processo de produção de livros. A técnica, antes manual e artesanal, passou a ser mecanizada. Invenção que impulsionou ainda a democratização da imprensa e sua evolução, e, conseqüentemente, o acesso à informação e ao conhecimento. Contexto fundamental para o surgimento de uma sociedade mais crítica, tanto no campo político como religioso. Período em que os critérios de seleção do que seria noticiado já começam a ganhar contorno, evidenciando o gosto popular pelo inusitado, pelo espetacular e pela própria morte.

Nestes escritos, os primeiros ‘jornais’ de três ou quatro páginas, o leitor é levado, em primeiro lugar, ao espetacular, ao singularmente novo. Ou seja, às notícias de desastres, mortes e nascimentos de reis e imperadores, de seres deformados, cometas, etc., às quais se associavam, conforme o caso, advertências morais de bom comportamento e devoção dos cidadãos, uma espécie de ‘contrapublicidade disciplinadora’ (BAHR, 1968, p. 26-27 apud MARCONDES FILHO, 2002, p. 15).

A prensa de Johannes Gutenberg foi revolucionária, mas não a pioneira. No século XI, o chinês Bi Sheng (c. 990-1051 d.C.) idealizou um método nomeado de “tecnologia de impressão em bloco”, no qual se esculpiam caracteres e gráficos em blocos de madeira, passavam-se tintas sobre eles, e, na sequência, uma folha era posicionada em cima e depois pressionada. Apesar de iniciar com os chineses, Gutenberg desenvolveu a tecnologia de impressão e a modernizou, o que possibilitou a impressão em grande escala.

Sua nova técnica de impressão teve um impacto na Europa renascentista. A invenção de Gutenberg levou a produção em massa de livros, panfletos e revistas. A educação e a alfabetização social tornaram-se mais acessíveis à medida que livros se tornaram mais baratos do que os manuscritos (FORGEARD, 2022, tradução nossa).

No entanto, destaca-se que o primeiro "jornal" do mundo foi criado durante o governo do Imperador Júlio César (100 - 44 a.C). Uma publicação oficial escrita em placas brancas e expostas em locais públicos de grande concentração de pessoas. O ditador romano utilizava esses textos para informar, sobretudo, a respeito de suas conquistas militares. O *Acta Diurna*, como ficou conhecido, trazia ainda relatos sobre escândalos do governo, julgamentos, campanhas militares e execuções. Marcondes Filho, em *A Saga dos Cães Perdidos*, lançado nos anos 2000, destaca que:

O jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa, se bem que um século e meio antes já houvesse jornais – em 1631 a *Gazette de Théophraste Renaudot* já tinha todas as características básicas desse veículo. Ele expande-se a partir da luta pelos direitos humanos nesta que foi a ‘revolução símbolo’ da destituição da aristocracia, do fim das monarquias e todo o sistema absolutista herdado da Idade Média, assim como da afirmação do espírito burguês (MARCONDES FILHO, 2002, p. 10).

E é no contexto da Revolução Francesa (1789-1799), que simboliza a queda da monarquia e do poder aristocrático, que as publicações permitem o acesso a textos antes “reservados, secretos e sagrados”, até então acessíveis apenas ao clero, o que contribuirá para a derrocada da unidade religiosa. Segundo Marcondes Filho (2000), o caráter questionador do jornalismo é fruto exatamente do pensamento moderno, no qual o homem busca explicar e entender o mundo a partir da razão. Pensamento que reforça a busca pela verdade e pela transparência dos fatos, assim como o questionamento às autoridades, que se tornarão fundamentos do próprio jornalismo.

Modernidade que se caracteriza pelas transformações sociais, exploração do comércio e da colonização, mudanças econômicas e políticas, como o surgimento de estados-nações ou estado nacional “[...] um conjunto de instituições cujas formas foram emergindo gradualmente num lento processo” (THOMPSON, 1998, p. 51). Período marcado ainda pelo que Thompson denomina de “sistema capitalista de produção de intercâmbio” e pela “transformação cultural sistemática”. Destacam-se também as inovações técnicas e a codificação elétrica da informação. Transformações que acarretam uma produção, reprodução e distribuição de formas simbólicas em larga escala e, segundo Thompson (1998), o desenvolvimento das organizações de mídia na segunda metade do século XV.

O surgimento das indústrias da mídia como novas bases de poder simbólico é um processo que remonta à segunda metade do século XV. Foi durante esse tempo que as técnicas de impressão, originalmente desenvolvidas por Gutemberg, se espalham pelos centros urbanos da Europa (THOMPSON, 1998, p. 54).

Período em que as publicações, agora periódicas, traziam relatos de eventos e informações de caráter político e comercial. Já o século XVII (primeiras duas décadas) marca o nascimento dos jornais modernos, com periódicos semanais. É desse período também os *Corantos* (compilação de notícias). Marcondes Filho (2002, p. 11) lembra que “o primeiro jornalismo, de 1789 à metade do século 19, foi, assim, o da “iluminação”, tanto no sentido de exposição do obscurantismo à luz quanto de esclarecimento político e ideológico”. O autor destaca que até então o controle do saber e da informação possibilita a dominação. Nesse contexto, quem detinha a informação e o conhecimento também detinha o poder sobre o outro. Esse primeiro jornalismo é descrito por Marcondes Filho como político-literário (jornais partidários), de caráter moralista.

O segundo jornalismo (metade do século XIX) é caracterizado pelas grandes empresas capitalistas, que se definem pelos interesses comerciais de grande escala. Lembrando que esse mesmo capitalismo, associado à industrialização, urbanização e a educação em massa, será um dos motores para o crescimento do próprio jornalismo. O avanço tecnológico, que também marca o período, terá impacto não apenas nos processos de produção de informação, como na sua distribuição, levando ainda ao que Thompson (1998, p. 73) denomina de “formas de comunicação eletronicamente mediadas”.

A imprensa como negócio, que tem início na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos após 1830, se caracteriza pela notícia como mercadoria. Dentre as suas especificidades estão: a busca pelo furo, o caráter de atualidade das notícias, a aparência de neutralidade da informação, bem como da imprensa, e o surgimento da imprensa de massa. É desse período também a busca pela publicidade como fator fundamental para a manutenção e sobrevivência da própria imprensa.

Traquina (2005, p.34) esclarece que a vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos. Um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que durante as décadas do século XIX ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda (TRAQUINA, 2005). De 1833 até 1950 o Jornal *Sun*, primeiro jornal de massa (largo alcance), estava em circulação e trazia em suas páginas relatos sobre processos de justiça, execuções, suicídios, ocorrências locais e reportagens sobre crimes, que eram bem populares entre os leitores da classe trabalhadora. O jornal era editado por Benjamin Day (1810-1889), e custava um centavo -, o que em 2021 era equivalente a 28 centavos.

Traquina esclarece que:

Outra mudança importante no plano social que contribuiu para a expansão da imprensa foi o processo de urbanização, que se intensificou com o crescimento das futuras metrópoles do século XX como Londres, Paris e Nova Iorque. Cidades como estas crescem durante o século XIX e oferecem um público fácil de atingir com o novo produto de consumo – o jornal. O acesso torna-se ainda mais fácil com a instituição de novas formas de venda, como os arduas, cada vez mais comuns ao longo do século XIX (TRAQUINA, 2005, p. 33).

O terceiro jornalismo, século XX, é caracterizado pelo monopólio da informação pelas grandes corporações de comunicação e a aproximação do jornalismo com o entretenimento. Nessa fase, “a notícia, como mercadoria vai recebendo cada vez mais investimento para melhorar sua aparência e sua vendabilidade: criam-se as manchetes, os destaques, as reportagens, trabalha-se e investe-se muito mais na capa, no logotipo, nas chamadas de primeira página” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 24).

Thompson (1998) destaca que:

À medida que a indústria gráfica foi se tornando mais industrializada e o mercado foi se expandindo, a sua base de financiamento começou a mudar. Enquanto os jornais dos séculos XVII e XVIII tinham como alvo principal um setor restrito da população mais afluente e mais instruída, a indústria de jornais dos séculos XIX e XX se dirigiu para um público cada vez mais vasto. A evolução tecnológica e a abolição dos impostos permitiram reduzir os preços, e muitos jornais adotaram um estilo de jornalismo mais leve e vivo, como também uma apresentação mais atraente para alargar o círculo de leitores (THOMPSON, 1998, p. 73 e 74).

Marcondes Filho (2002) caracteriza a quarta fase do jornalismo (último quartel do século XIX) como aquela em que o jornalismo de negócio se consolida, assim como os conglomerados de comunicação, denominados pelo autor de “indústria da imprensa”. Marcondes Filho ressalta que o século XX é marcado pelo “avanço tecnológico” (era tecnológica), pela “expansão da indústria da consciência”, na qual, segundo ele, “predomina as estratégias de comunicação e persuasão”, pelo surgimento dos “agentes empresariais”, com as assessorias de imprensa, e o “avanço da circulação de informação em rede”. Nesse cenário, o jornalista assume ainda, conforme Marcondes Filho (2000), o papel de analista e comentarista do mundo.

No Brasil, o registro das primeiras publicações (livros) aparece apenas no século XVIII. A abertura dos portos ao comércio (1805) facilitará a chegada de impressos (jornais, gazetas e folhetos) em terras brasileiras. Nesse período, surgem no Recife e no Rio de Janeiro as primeiras tipografias. Eram impressas letras de câmbio e orações. Como destaca Pieranti e Martins (2006, p. 2), “livros foram, em parte, proibidos durante a fase colonial do país. Jornais eram distantes objetos de curiosidade, ainda afastados do padrão cultural da nobreza imigrante”.

Liam-se principalmente textos filosóficos e históricos considerados subversivos, das leis constitucionais norte-americanas, encontradas com Tiradentes, à Enciclopédias, achada com o cônego Luís Vieira, todos trazidos por brasileiros que estudaram na Europa ou por contrabandistas (PIERANTI; MARTINS, 2006, p. 2).

Nesse contexto, surge a Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro “jornal” impresso no Brasil. Nele, pequenas notícias da Coroa, que também era seu financiador, “notinhas sobre aniversários, estado de saúde e pequenas futricas de nobres europeus -, retratava um Brasil e um mundo perfeitos e ilusórios. O conteúdo, tão floreado, ainda sofria a censura de dois nobres escalados para a tarefa” (PIERANTI; MARTINS, 2006, p. 3). Durante a Coroa, a imprensa sofreu forte repressão. Tipografias e jornais foram fechados, profissionais se viram perseguidos e censurados.

No mesmo ano, mais especificamente em primeiro de junho, Hipólito da Costa começa a publicar, em Londres, o Correio Braziliense. Apesar de produzido fora, a publicação, que chegava ao Brasil por meio do contrabando, tinha como objetivo munir o leitor brasileiro com informações e/ou comentários sobre a Corte. O Correio Braziliense, que contava com 100 páginas por edição, parou de circular em 1822.

Reservou a Coroa à imprensa, atitude que marcaria a história do jornalismo brasileiro em todos os séculos: aos amigos, tudo; aos inimigos, o combate. Jornais simpáticos ao governo, desde o período colonial, recebem verbas publicitárias fartas e empréstimos facilitados de bancos oficiais. Jornais excessivamente críticos têm o acesso às verbas oficiais dificultada e, dependendo do grau de autoritarismo do regime, sofrem censura e coerções as mais diversas (PIERANTI; MARTINS, 2006, p. 3).

A partir de 1822 a imprensa começa a chegar a outros territórios do país. Destaca-se neste período A Malagueta, que tinha à sua frente Luís Augusto May, e O Sentinela, de Cipriano Barata. Ambos sofreram grande repressão política. Mesmo assim, ganhava espaço jornais que reivindicavam liberdade de imprensa. Durante a regência (1831-1840), a imprensa experimentaria uma maior liberdade. Desse período destacam-se os pasquins. As publicações, de poucas páginas e periodicidade incerta, ficaram conhecidas pelas suas críticas à política da época: “imprensa combativa e exaltada – insuportavelmente exaltada, sob a ótica dos segmentos de direita” (PIERANTI; MARTINS, 2006, p. 6).

Com a República,

A imprensa, em linhas gerais, tampouco sofreria grandes mudanças: o primeiro grande periódico da fase, o *Jornal do Brasil*, só surgiria dois anos depois; outros pequenos jornais e panfletos surgiram e morreram pelos anos

vindouros, notadamente em épocas agitadas da política nacional (PIERANTI; MARTINS, 2006, p. 8).

Segundo Bahia (2009, p. 244), no "último quarto do século XX, a grande imprensa brasileira concilia as empresas tradicionais e as empresas modernas". Ainda conforme o autor, "no primeiro grupo, estão as que se restringem a algumas áreas da comunicação, no segundo grupo, aquelas que se diversificaram como sistemas empresariais Conglomerados de comunicação". Cenário em que a publicidade, e, conseqüentemente, a receita das empresas jornalísticas ganha papel importante, não apenas para a manutenção do crescimento da mídia como negócio, mas para ampliação de seus investimentos. Contexto, como descrito anteriormente, impactado ainda pelo avanço do desenvolvimento tecnológico, que modifica significativamente toda a cadeia de produção, distribuição e consumo de informação.

## 1.2 Jornalismo investigativo

A partir de 1955, logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os jornalistas norte-americanos começaram a criticar o governo estadunidense pelo resultado da participação dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã (1959-1975). Período marcado por matérias analisando criticamente os políticos e suas ações. Alguns desses textos, que caracterizam o jornalismo investigativo, eram publicados em revistas como *Life e Look*. No Brasil, o jornal *Correio da Manhã* (1901-1974), publicado na cidade do Rio de Janeiro, é lembrado como um dos primeiros na produção de matérias de caráter investigativo.

Pioneira do jornalismo investigativo, Nellie Bly (1864-1922) rebatia com frequência os jornais e suas publicações. Conhecida como uma jornalista revolucionária, Nellie criticou de forma veemente o artigo do *Pittsburgh Dispatch*, em 1885, que tratava de como as mulheres só serviam para dar à luz e cuidar da casa. A resposta foi tão bem escrita, que Nellie foi contratada como repórter pelo mesmo jornal. Em 1887 ela se internou no Hospital de Alienados de *Blackwell's Island*, alegando insanidade, para que pudesse expor as condições em que as pacientes viviam. A história foi publicada no jornal *New York World*, intitulada *Dez dias no hospício*. Após a reportagem, reformas foram feitas para melhorar a condição do hospital, o que fortaleceu o papel social do jornalismo.

Traquina (2005, p.79), ao analisar o valor notícia, é enfático ao dizer que onde há morte, há jornalistas. A morte, como destaca o autor, é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas "páginas do jornal ou nos écrans da televisão". Notícia sobre

morte é interesse do público, reforça, desde o princípio dos jornais. Matérias que retratam o tema prendem a atenção do leitor, ávido em saber como a pessoa morreu e quem a assassinou.

E se antes os relatos de crimes, tão presentes no jornalismo investigativo, apareciam nos jornais em notas, notícias, reportagens e/ou artigos, hoje ocupam espaço nos documentários, livros e podcasts (um dos principais formatos de mídias dos últimos anos). O gênero *True Crime*, que traz relatos de crimes verdadeiros, ganha espaço expressivo e faturamento de milhões de dólares. Femicídios, crimes em série, *serial killers*, desaparecimentos e até mesmo assassinatos infantis são os principais assuntos abordados. Em uma entrevista para o site *Hypeness*, em 2021, a criadora e apresentadora do podcast Crime Mania, Rafa Rosso, analisa o interesse do público pelo formato.

Querem saber quem foi aquela pessoa, tanto o autor quanto a vítima do crime, e entender como o caso funciona. Muitas pessoas também querem desvendar os casos e às vezes não tem nem solução. A pessoa quer ser detetive e criar mil teorias na cabeça. Muito do meu público é movido pela curiosidade (GARCIA, 2021).

A psicóloga inglesa Dra. Meg Arroll, em entrevista ao jornal britânico *The Telegraph*, publicada em 2019, discutiu o que está impulsando essa obsessão, e quão viciadas as pessoas estão nessas histórias sobre comportamentos humanos bem sombrios. Meg diz que a escuridão do assunto é o que torna os crimes reais tão atraentes.

Os seres humanos querem entender o lado mais sombrio de nossa natureza. História de crimes reais nos permitem explorar isso de uma maneira segura, a uma distância segura. Há muitas pesquisas que mostram que o medo do crime é mais prevalente do que o próprio crime (THORP, 2019, tradução nossa).

A imprensa, ao atender à demanda, que se confunde muitas vezes com o interesse público, alavanca ainda mais essa audiência. O crescimento do formato e a busca do público pelo tema alerta para a importância de pesquisas sobre o contexto aqui apresentado, principalmente as que se debruçam sobre o papel do jornalista. É fundamental lembrar que o jornalismo, apesar de ter como um dos seus critérios de noticiabilidade a morte, o inusitado e o bizarro, tem como valores importantes de sua formação a ética social e o interesse público. Por isso a importância de trabalhos que busquem refletir sobre o trabalho do jornalista, como o presente projeto.

### **1.3 Os crimes que chocaram Goiânia**

Em 2013, um rapaz de 20 anos foi morto na Avenida 24 de Outubro, região Oeste de Goiânia (sem data definida). Ele nunca foi identificado. No dia 16 de janeiro do mesmo ano, outro morador em situação de rua, identificado apenas como “Pica-Pau”, foi assassinado na

cidade. No dia 19 de agosto, quando estava sentada no banco de uma praça na Rua Tóquio, esquina com a Rua Dona Carolina, no Parque João Braz, também região Oeste, Edmilia Ferreira Borges foi assassinada por um motociclista. Naquele dia, Edmilia estava acompanhada de sua prima, de apenas 11 anos.

Faltando poucos dias para o Natal, uma jovem de 17 anos foi abordada por um motociclista enquanto caminhava sozinha na Vila Santa Tereza. Um homem se aproximou de Ana Rita Lemes e anunciou o assalto. Antes que a estudante pudesse entregar algum objeto, ele atirou. Ana Karla Lemes da Silva, de 15 anos, também não conseguiu comemorar o Natal com sua família naquele ano. Sua vida foi interrompida em 15 de dezembro de 2013, quando a adolescente foi atingida com um tiro no peito no setor Jardim Planalto, região Sudoeste da capital.

Bárbara Luiza Ribeiro Costa foi assassinada em 18 de janeiro de 2014. A adolescente de 14 anos estava sentada em frente a um salão de beleza localizado na Rua Valentino Capuso, no Setor Lorena Park, região Oeste, esperando pela sua avó, quando foi atingida com um tiro no peito. Beatriz Cristina Oliveira Moura saiu para comprar pão na manhã do dia 19 de janeiro de 2014 e nunca mais voltou. A jovem, de 23 anos, foi assassinada com uma bala no tórax na Rua C-181, no Setor Nova Suíça, região Sul. A estudante Arlete Carvalho foi atingida com uma bala no peito na Rua Potengui, no Bairro Goiá, região Oeste, enquanto voltava para casa. A jovem, de 16 anos, foi assassinada no dia 28 de janeiro de 2014.

A dona de casa Lilian Sissi Mesquita, de 28 anos, foi atingida com uma bala no peito enquanto estava buscando os filhos em uma escola no Setor Cidade Jardim, região Sudoeste. Ela foi assassinada no dia três de fevereiro de 2014, deixando um filho de 10 anos e outro de seis. O empresário Denilson Ferreira de Freitas, de 38 anos, dono de um restaurante no Setor Central de Goiânia, foi assassinado no dia 28 de fevereiro de 2014, em seu estabelecimento. Taís Pereira de Almeida, de 20 anos, foi assassinada, no dia nove de março do mesmo ano, com um tiro na cabeça, na porta de um motel na Avenida Nossa Senhora de Lourdes, em Aparecida de Goiânia.

Ana Maria Victor Duarte estava com o noivo e a amiga em uma lanchonete na Avenida T-64, no Setor Bela Vista, região Sul, quando um homem armado e com capacete pediu os celulares. A assessora parlamentar, de 26 anos, foi assassinada com um tiro no peito no dia 14 de março de 2014. Em 23 de abril do mesmo ano, Wanessa Oliveira Felipe, de 22 anos, saiu da academia rumo a uma farmácia na Avenida Frei Miguelino, no Bairro Goiá, região Central da capital, quando foi assassinada com um tiro. Na noite do dia 8 de maio de 2014, Janaína Nicácio de Souza estava em um estabelecimento, localizado na Avenida C-1, no Setor Jardim América,

na região Sul, com um amigo, quando foi assassinada com vários tiros. Ela tinha 25 anos e era mãe de duas crianças, uma de 10 e outra de 7 anos.

Bruna Greycielle de Sousa Gonçalves aguardava um ônibus, na Avenida T-69, no Setor Bueno, também região Sul da capital, quando um homem parou a moto e anunciou o assalto. Enquanto a vítima procurava pelo aparelho celular na bolsa, o motociclista atirou. A jovem, de 26 anos, foi assassinada no dia 8 de maio de 2014, na mesma noite do homicídio de Janaína Nicácio de Souza. O estudante Pedro Henrique de Paula Souza, de 19 anos, estava com o irmão e um amigo em um restaurante no Setor Sol Nascente, região Central de Goiânia, quando foi assassinado no dia 20 de junho de 2014. Ana Lídia Gomes, de 14 anos, foi assassinada no dia 2 de agosto de 2014, na Rua Paratinga, no Setor Cidade Jardim, região Central de Goiânia. A adolescente aguardava o ônibus para ir à Feira da Lua.

O maníaco de Goiânia confessou ter assassinado 39 pessoas, a maioria mulheres, algumas retratadas neste trabalho. Entre os homens, alguns seriam moradores em situação de rua e homossexuais. O *serial Killer* agia de motocicleta, enquanto vestia um capacete preto e às vezes jaqueta. Condenado a mais de 600 anos de prisão, Tiago Henrique Gomes da Rocha cumpre pena em regime fechado, no Estado de Goiás.

#### **1.4 O *serial killer* de Goiânia**

O período de atividade do maníaco de Goiânia, como ficou conhecido, foi de 2011 a 2014, ano em que foi preso. Em testemunhos iniciais para a polícia, Tiago Henrique Gomes da Rocha revelou que sua primeira vítima foi Diego Martin Mendes, um estudante de 16 anos. O corpo do jovem, assim como de outras supostas vítimas do assassino confesso, nunca foi encontrado.

Tiago disse que abordou o menor no Terminal Praça da Bíblia, no Setor Leste Universitário, com o pretexto de que os dois iriam manter relações sexuais. No entanto, ao chegar ao local do crime, ele foi tomado ‘pela raiva’ e acabou matando o garoto. Mas na verdade, não tenho dúvidas de que a intenção dele desde o início já era o assassinato (BORGES, 2014)<sup>2</sup>

Sua última vítima foi Ana Lídia Gomes, de 14 anos. A garota foi assassinada no dia 2 de agosto de 2014, na Rua Paratinga, no Setor Cidade Jardim, região Central de Goiânia, em um ponto de ônibus, enquanto aguardava a condução para ir à Feira da Lua, uma das principais atrações da cidade, que reúne turistas e moradores em busca de roupas, calçados, acessórios e

---

<sup>2</sup> Fernanda Borges em matéria para o G1 Goiás, publicada no dia 18 de outubro de 2014.

produtos para casa. A Feira da Lua, que também conta com espaço gastronômico, funciona todos os sábados, desde 1992, na Praça Tamandaré, no Setor Oeste, região Sul da capital.

Tiago Henrique Gomes da Rocha, que nasceu no dia 4 de fevereiro de 1988 em Goiânia, no estado de Goiás, foi criado pela mãe e pelos avós maternos, nunca chegou a conhecer o pai, e tem um irmão mais novo, filho de outro relacionamento de sua genitora. Os dois são registrados apenas no nome da mãe. Em depoimento à polícia, a mãe de Tiago Henrique conta que engravidou aos 17 anos.

Quando engravidei o pai dele sumiu. Eu tinha 17 anos, ele tinha uns 28, 29 anos, era mais velho que eu. Eu nunca mais tive notícias dele. (...) Quando eu engravidei, por eu ter sido abandonada, tinha medo do meu pai me mandar embora de casa. Aí eu tentei o aborto. Na época foi um remédio que eu tomei. Eu nunca contei isso para ele (Tiago) de ter sido abandonado, de ter medo do meu pai [...].

Tiago Henrique, segundo os depoimentos de sua mãe, durante a infância foi uma criança tímida, isolada e com poucos amigos. Na adolescência se manteve tímido, com poucos relacionamentos. Estudou até o primeiro ano do ensino médio, porém, conforme relatos de sua mãe, "demonstra ser muito inteligente". O assassino confesso, em depoimento para a polícia, disse ter sofrido abuso sexual por parte de um vizinho quando tinha 11 anos. O maníaco de Goiânia contou ainda que na época escolar maltratava animais e que teria sido vítima de *bullying* verbal e físico por parte dos colegas de sala. Em depoimento, relatou também ter vivenciado desilusões amorosas, que teriam despertado um sentimento de raiva.

Em uma matéria exclusiva para o jornalista Jordevá Rosa ao Jornal do Meio Dia, da TV Serra Dourada, exibido no dia 29 de outubro de 2014, a mãe de Tiago Henrique falou pela primeira vez sobre o filho em uma emissora de televisão. Ela aceitou receber a equipe de reportagem com a condição de não ter seu rosto e nome divulgados. Uma mulher simples, tímida e que professou ser evangélica. Ao jornalista, contou que morava com o filho na época dos crimes, e revelou que quase todos os dias o observava sair com sua moto e capacete preto, marca registrada do maníaco de Goiânia. No entanto, a mãe de Tiago Henrique afirmou ao repórter Jordevá Rosa que não suspeitava que seu próprio filho era um dos maiores assassinos de Goiás. Ela confessou que foi pega de surpresa sobre os assassinatos e roubos que o filho havia cometido.

Em sua casa não havia televisão nem rádio. A mulher ouvia falar do *serial killer* por meio de outras pessoas, e, ironicamente, se recusava a ver imagens do caso. Chegou a ter acesso a um retrato falado do suposto maníaco à época, mas contou ao jornalista que não associou a imagem ao seu primogênito (um jovem branco, de cabelos pretos, magro e alto). Na reportagem,

ressaltou que o filho, desde criança, era muito tímido e isolado. A mãe de Tiago Henrique disse que chegou a cogitar a possibilidade de levá-lo a um psicólogo, mas, devido às condições financeiras, isso não foi possível. Segundo ela, já adulto, o filho não havia mudado, continuava tímido e retraído. Período em que havia começado a beber.

Em uma entrevista para o jornalista Domingos Meirelles, no programa Câmera Record, em 2017, que foi ao ar em 11 de junho, os avós de Tiago Henrique, Seu Erundides e Dona Juraci, disseram que o jovem foi uma criança amorosa e educada. Eles contam que as pessoas do bairro em que moravam gostavam muito dele. Entretanto, os avós relataram ter percebido uma mudança drástica no comportamento do neto durante a adolescência. Segundo eles, “uma criança brincalhona se tornou um jovem introspectivo”. Quando seu Erundides descobriu os crimes do neto, pensou em suicídio. O avô relatou que ficou vários dias sem dormir, tomando remédios controlados.

Para o jornalista Domingos Meirelles, a mãe de Tiago Henrique concordou em ter seu nome divulgado pela primeira vez, porém, não quis mostrar seu rosto. Dona Sônia afirmou ao jornalista que nunca associou a sua imagem às das vítimas e afirmou que também percebeu um comportamento diferente no filho durante a adolescência, de uma criança sociável para um jovem reservado e sistemático.

No depoimento para a polícia<sup>3</sup>, a mãe de Tiago Henrique revelou: Uma vez ele falou pra mim que tinha uma revolta, um trauma, mas ele não contou o que era, nem comigo ele gostava de se abrir. Eu acho que foi algo na adolescência dele. Eu o achava muito triste [...]

Em matéria de O Popular, publicada no dia 19 de outubro de 2014, o jornalista Galtieri Rodrigues, que realizou a cobertura do caso na época, comparava a personalidade de Tiago com a de um *serial killer*. Segundo a reportagem,

As características coincidem integralmente com as que predominam na maioria dos *serial killers*. O criminoso tem hábitos característicos do TOC (Transtorno obsessivo-compulsivo), organizando calçados praticamente iguais, pretos com solado branco. Uma das principais manias de Tiago era roubar placas de motos com os dois últimos algarismos iguais, o que foi essencial na identificação da moto que usava nos crimes (RODRIGUES, GALTIERI. 2014. Nº 22.205).

Em entrevista para o jornalista Domingos Meirelles no programa Câmera Record em 2017, que foi ao ar em 11 de junho, Tiago assegurou que se considera uma pessoa com sentimentos e recusa a condição de um sociopata. Em matéria do Jornal Opção, publicado em 12 de agosto de 2016, o perito psiquiatra forense Diego Franco de Lima, que foi responsável

---

<sup>3</sup> Domingos Meirelles no programa Câmera Record, exibido no dia 11 de junho de 2017.

pelo diagnóstico de Tiago Henrique Gomes da Rocha, reforçou a psicopatia do criminoso, alegando se tratar de um transtorno de personalidade, e não de uma doença.

Como apontam os laudos, Tiago Henrique é psicopata, o que caracteriza um transtorno de personalidade e não uma doença mental, com as características de frieza emocional, tendência à manipulação e agressividade. Porém, a falha na estruturação do caráter ou personalidade, como é mais utilizado em termos médicos, não tem relação alguma com o entendimento de atos lícitos ou ilícitos, assegura o médico <sup>4</sup>(QUIXABEIRA, 2016).

O psicopata sempre esteve associado a crimes e contravenções. Portanto, sua marginalidade também já faz parte da sua posição social e confunde-se com sua condição clínica. Ele foi e continua sendo um problema para a criminologia muito antes de ser uma questão clínica para a psicanálise (SHINE, 2000, p.9).

A defesa de Tiago Henrique Gomes da Rocha, no dia 21 de setembro de 2018, entrou com pedido junto à Diretoria-Geral de Administração Penitenciária (DGAP) para que o assassino confesso se casasse. A solicitação foi negada pelo órgão no dia 26 do mesmo ano. A recusa foi justificada pela não convivência do detento com a suposta noiva antes da prisão (o órgão só permite casamento entre os detentos em caso deles terem filhos juntos, ou se o casal conseguir provar que tinham um relacionamento romântico antes da prisão).

Entretanto, a detenta negou qualquer interesse em se casar com o maníaco de Goiânia, e de acordo com a defesa de Jéssica Alves, Tiago Henrique se interessou por ela quando a viu na televisão em um evento dentro da penitenciária.

O Tiago, ao que parece, a viu durante um desfile no Dia Internacional da Mulher, em que detentas participaram. O evento foi televisionado e, como ele está isolado no Núcleo de Custódia, o único contato com ela foi de vê-la pela TV. A partir de então ele começou a enviar cartas para a jovem. A advogada dele diz que Jéssica chegou a corresponder algumas, fato negado por ela <sup>5</sup>(VESLACO, 2018).

Jéssica Alves dos Santos (1,65 de altura, pele branca e olhos castanhos) morava no Bairro Independência, em Aparecida de Goiânia, região metropolitana de Goiânia. A detenta, que chegou a concluir o ensino fundamental, cumpre pena na ala feminina da Casa da Prisão Provisória, localizada na Avenida Eixo Viário, no Distrito Agroindustrial do município.

Suspeita de latrocínio, Jéssica Alves dos Santos foi condenada a 20 anos por roubo, respondendo a dois processos judiciais. Em 2017, confessou para a Polícia Civil de Aparecida de Goiânia que participou do latrocínio do motorista de aplicativo Lindomar Ferreira Santos,

---

<sup>4</sup> Larissa Quixabeira em matéria do Jornal Opção, publicada no dia 12 de agosto de 2016.

<sup>5</sup> Murilo Velasco em matéria para o G1 Goiás, publicada no dia 29 de setembro de 2018.

de 38 anos. O crime aconteceu em primeiro de dezembro de 2019. Kaique Anderson Costa de Paula, de 21 anos, foi acusado de matar a facadas o motorista.

No dia do crime, o assassino e sua comparsa fingiram ser clientes e fizeram Lindomar de refém até uma agência bancária no Setor Jardim Monte Cristo, em Aparecida de Goiânia, mas dois criminosos estavam esperando. Lindomar Ferreira Santos fez um saque no caixa eletrônico, porém a arma de um dos criminosos teria caído no chão, o motorista reagiu e foi esfaqueado. Ele não resistiu e morreu no local.

# MEMORANDO DE PRODUÇÃO

## CAPÍTULO II

### DIÁRIO DE PRODUÇÃO

#### 2.1 Podcast

A palavra podcast resulta da junção do termo Pod (*Personal On Demand*), que tem relação com produção sob demanda, e *broadcast* (radiodifusão). Lembrando assim um rádio sob demanda do ouvinte. Outra diferença em relação ao rádio é que o podcast só pode ser acessado por meio de dispositivos com acesso à internet, estando disponíveis em plataformas como *Spotify*, *Deezer* e *Apple Podcast*. O formato, que se consolidou como uma das principais mídias de informação da atualidade, ganhou espaço exatamente pela sua facilidade de produção, transmissão e consumo. A partir dessas características, pode-se dizer que o podcast é “um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na Internet” (PRIMO, 2005, p.1).

A existência do podcast está associada ao americano Carl Malamud que, em 1993, criou um programa chamado *Internet Talk Radio*. Carl entrevistava colegas sobre internet do futuro. No entanto, o termo só se tornou popular no início dos anos 2000, com Adam Cury, criador do agregador de podcasts. O objetivo era produzir conteúdo próprio e disponibilizar na internet. Além da produção por demanda e a facilidade de distribuição e consumo, o podcast também ganhou popularidade pela variedade de formatos (entrevista, mesa redonda, *talk show*, documentário, informativo, entre outros) e de temas abordados (cultura, saúde, terror, meio ambiente, entre outros). Segundo Medeiros (2005, p.5),

A grande inovação que o Podcasting propõe é o poder de emissão na mão do ouvinte. Com isso, não existe mais uma produção de conteúdo centralizado nas mãos de uma mídia. Cada usuário produz seu conteúdo descentralizadamente, disponibilizando-o na rede da melhor maneira que lhe convier.

Os podcasts podem não apenas ser buscados na internet, como também ser assinados (através do recurso RSS) para recebimento automático de novos episódios através do uso de um *software* agregador. Além do áudio, cada programa pode conter imagens, *links* hipertextuais e ser dividido em capítulos e/ou episódios. Dessa forma, ultrapassa-se apenas a escuta, oferecendo ao consumidor uma experiência multimídia e formas de navegação, tanto no interior do programa quanto na rede (PRIMO, 2005).

O *digital minds*, produzido pelo programador Danilo Medeiros, em 21 de outubro de 2004, que também falava sobre tecnologia, marca o pioneirismo do podcast no Brasil (data em que se comemora o Dia do Podcast). A partir daí, outros podcasts foram surgindo, reforçando a proposta e difundindo o termo. Um ano depois do lançamento do *digital minds*, em 2005, foi

realizada a primeira Conferência Brasileira de podcast (*PodCon Brasil*). Em 2006 foi constituída a Associação Brasileira de Podcasters.

Segundo a Associação Brasileira de Podcasters (ABPod), os principais momentos de consumo de podcast são os tempos de deslocamentos (79%), seguido das atividades domésticas (68%), atividades físicas (46%), trabalho (39%), navegando na internet (38%) e antes de dormir (34%). Ainda segundo a pesquisa, os consumidores buscam “conhecimento” e “aprendizagem”. O público consumidor dos podcasts, conforme a ABPod, apresenta nível de escolaridade alto: 83% tendo cursado, mesmo que de maneira incompleta, educação de nível superior. A preferência da audiência no país é por conteúdos nacionais (62% dos ouvintes). Em 2019, 56% dos consumidores de podcast eram homens e 44%, mulheres.

Durante a pandemia da Covid-19, houve um aumento significativo no consumo de áudio no Brasil (podcast e rádio). De acordo com uma pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), o consumo de programas de rádio teve um aumento de mais de 132% na pós-pandemia. Estudo realizado pelo Jornal O Globo, em parceria com o Ibope, durante o ano de 2021, aponta que no Brasil 57% das pessoas começaram a ouvir podcasts durante o *lockdown*.

Tendo como ponto de partida um estudo realizado pela PodPesquisa em 2018, com apoio da Rádio CBN (Central Brasileira de Notícia), o Prof. Marcelo Abud, da Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP), desenvolveu uma pesquisa com o intuito de analisar os gêneros mais frequentes entre os ouvintes. Nota-se que as principais categorias de podcasts buscadas pelas pessoas são: Cinema/Cultura Pop; Esportes; Comportamento; Notícias/Política e Games. A partir daí, identifica-se que temas referentes à Cultura Pop, como séries, cinema, música, *reality shows*, são os mais abordados pelos canais de podcast.

## **2.2 Produção de podcast**

Os podcasts têm aparecido como uma boa opção para a correria do dia a dia, já que sua audição ocorre por demanda do próprio ouvinte. Característica que impulsionou o número de produtores do formato. Silva (2022), ao descrever o processo de produção, alerta que "para a elaboração e produção de um podcast, ideal é o programa ter um planejamento e um tema bem definido, com roteiros para os episódios, um software para gravação e edição [...] e uma boa distribuição nos agregadores de podcast e plataformas de streaming".

As principais etapas para a sua produção são: identificação do público-alvo, elaboração da pauta, desenvolvimento do assunto e construção (roteiro e edição). É importante destacar

que "conhecer a pessoa com quem você está falando, possibilitará que se utilize uma linguagem mais apropriada, poderá pensar se será mais formal ou informal, mais profundo ou superficial, sério ou descontraído" (PEDROSO, 2018, p.6).

A opção da autora do presente projeto experimental foi por uma linguagem jornalística ancorada na ética profissional, evitando assim expor, de forma desnecessária, as vítimas e os familiares de Tiago Henrique Gomes da Rocha (em nenhum momento ao longo do trabalho foi usado o substantivo assassino associado aos seus familiares).

Definido o tema e o público, o produtor precisa ter claro o seu objetivo. O deste projeto é abordar o caso do maníaco de Goiânia a partir de depoimentos dos principais repórteres que cobriram o caso à época, sem pretensão de julgamento de valores sobre o trabalho da imprensa. A autora, ao enfatizar que Tiago Henrique era um rapaz comum (alto, branco, de cabelos lisos e pretos), buscou ainda desmistificar os estereótipos sobre os sujeitos que cometem crimes.

Após identificar o público-alvo do podcast, o assunto a ser desenvolvido, o formato, no caso deste projeto experimental um documentário, e ouvir as fontes de informação, o próximo passo é a transcrição das entrevistas e a criação e/ou escrita do roteiro. Esse *script* (rede de segurança para o locutor) faz com que o apresentador não se perca na narrativa, além de criar toda uma estrutura do episódio. Roteiro que segue o padrão utilizado nos produtos de rádio.

Escrever um roteiro de rádio é um pequeno trabalho de arquitetura para garantir que tudo o que é importante tenha seu lugar e que, por sua vez, os distintos elementos do programa estejam encadeados e trabalhem com os demais fluidamente. Por isso é imprescindível visualizar o totum do roteiro antes de começar a escrevê-lo; a partir de um planejamento prévio, de um resumo da emissão (KAPLÚN, 2017, p.247).

Durante a fase de produção, que resultou no podcast A imprensa no caso do maníaco de Goiânia, a acadêmica aproveitou os momentos das entrevistas, bem como os seus deslocamentos para a realização dessa etapa do projeto, na captação de sons ambientes. O objetivo era ambientalizar o ouvinte, lembrando que o podcast é um produto sonoro, composto não apenas de palavras (texto), mas de música (*Background*), ruídos e/ou efeitos sonoros e silêncio, tão presente nas pausas. Elementos que integram a própria linguagem sonora (BALSEBRE, 2005), fundamental nos podcasts narrativos.

### **2.3 Etapas de produção**

A partir daqui a autora do trabalho descreve as etapas da produção do podcast A imprensa no caso do maníaco de Goiânia.

### **2.3.1 Pesquisa do tema**

Os dados sobre o maníaco de Goiânia foram pesquisados pela acadêmica a partir de levantamento das reportagens publicadas à época do caso (2013-2014). Utilizou-se matérias jornalísticas publicadas no Jornal O Popular, - principal veículo impresso do estado de Goiás - , em sites de notícias, com ênfase no G1, e reportagens televisivas (disponibilizadas no canal do *Youtube*), principalmente as veiculadas pelo Jornal do Meio Dia, transmitido pela TV Serra Dourada, afiliada do SBT em Goiânia. Um dos principais programas televisivos a cobrir os assassinatos. Também serviu como fonte o jornal Correio Braziliense, dentre os veículos nacionais, o que mais repercutiu o episódio.

### **2.3.2 Entrevistas**

As entrevistas foram marcadas pelo aplicativo *WhatsApp*. Algumas executadas de forma *on-line*, devido a conflitos de agendas e de acesso às fontes, outras no local de trabalho dos repórteres. Coube à autora do projeto o contato com os jornalistas responsáveis pela cobertura do caso.

### **2.3.3 Transcrição e decupagem**

Depois das entrevistas realizadas, foi o momento de transcrever o material (ver anexo). Etapa que colaborou na decupagem dos áudios que integram o documentário. As entradas de cada sonora (trecho das entrevistas) estão sinalizadas no roteiro (ver anexo), com deixa inicial e final (tempo inicial e final), o que facilita o trabalho do editor. Levou-se em consideração as falas de maior relevância para a discussão proposta pelo projeto. Com isso, foi possível estruturar o roteiro do podcast.

### **2.3.4 Roteiro**

Após a decupagem do material gravado, foi estruturado o roteiro (ver apêndice). Nele constam os locs (gravação do locutor), sonoras de cada um dos entrevistados, bem como as entradas de Bg (música que ilustraria a locução), vinheta (que dá nome ao podcast) e dos sons ambientes.

### 2.3.5 Gravação

Com o roteiro finalizado e revisado pela orientadora do projeto experimental, a gravação foi realizada no laboratório de rádio da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Campus V) pela própria autora do trabalho.

### 2.3.6 Edição

A edição é do técnico de rádio da PUC Goiás, o jornalista Nilson Ribeiro Filho. Todo material necessário para a sua execução foi disponibilizado pela acadêmica em um *drive do Google*.

## 2.4 Perfil dos entrevistados

**Rosana Melo** - Formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Ciência Política pela Universidade Estadual de Goiás. Atuou como Coordenadora de Comunicação na Assembleia Legislativa de Goiás (2019 a 2022); Assessora de Imprensa na Câmara Municipal de Goiânia (2019 a 2019); Repórter do Jornal O Popular (1993 a 2017); Repórter no Jornal Diário da Manhã (1991 a 1993). Na época do caso do serial *killer*, Rosana era repórter no jornal O Popular.

**Galtieri Rodrigues** - Formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pós-Graduação em Comunicação Social na Universidade Federal de Goiás (UFG). Repórter freelancer na UOL - Universo Online (2020 a 2021); Repórter do jornal O Popular (2016 a 2019); Assessor de comunicação na Caixa de Assistência dos Advogados de Goiás (Casag/GO) (2016 a 2016); Repórter do Jornal O Popular (2013 a 2014); Repórter do Jornal O Hoje (2010 a 2013); Assessor de Comunicação na Secretaria Estadual do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (Semarh) (2011 a 2012); Assessor de Comunicação, Estagiário e Repórter da Revista Gestão, Empresas e Produtos (2010); Repórter Estagiário e Colaborador no Jornal Opção (2009 a 2010); Assessor Parlamentar na Câmara dos Deputados (2006 a 2009). Atualmente é repórter do Metrôpoles, sucursal de Goiânia. Na época do caso, atuava no Jornal O Popular.

**Jairo Menezes** - Formado em Comunicação Social pela Faculdade Araguaia. Atuou como Editor sênior no Diário da Manhã (2007 a 2013); Assessor de comunicação na Câmara dos Deputados (2013 a 2015); Repórter investigativo na Rádio 730 (2014 a 2015); Editor de textos

na TV Serra Dourada (2013 a 2020); Assessor de Comunicação no Hospital de Urgências de Goiânia Dr. Valdemiro Cruz (Hugo) (2019 a 2020). Na época dos crimes, atuava na TV Serra Dourada. Jairo ocupa hoje o cargo de editor de textos no Grupo Bandeirantes de Comunicação e na Record TV.

**Renato Alves** - Formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e pós-graduado em comunicação em mídias sociais pelo UniCeub. Trabalhou no Correio Braziliense (2000 a 2019), em funções de repórter e editor, e foi repórter de política na Revista Crusoé. Passou também pelo *The Brazilian Report*. Desde setembro de 2021, é redator multimídia no O Tempo (Belo Horizonte).

**Silvana Bittencourt** - Formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás com Master em Jornalismo para Editores pela Universidade de Navarra, é editora-executiva do jornal O Popular, onde foi repórter especializada em meio ambiente, e depois editora de Cidades. Já atuou como correspondente do Jornal O Globo e fez trabalhos para veículos como Folha de S. Paulo, Veja e IstoÉ. Na área ambiental, recebeu diversos prêmios e cobriu eventos importantes como a COP-8, expedição da Marinha brasileira à Antártida, Rio 92 e Rio Mais 20.

## Conclusão

Para a ex-repórter de polícia de O Popular, Rosana Melo, o papel dos jornalistas no caso do maníaco de Goiânia foi chamar a atenção da população e das autoridades para a existência de um *serial killer* na capital. "Trabalhamos com essa hipótese muito antes da polícia", reforça. Ao ser questionada se a imprensa provocou pânico na cidade, Rosana ressalta que o papel da imprensa foi dar visibilidade ao caso, já que "a polícia negava a relação entre as mortes". A ex-jornalista de O Popular afirma que isso foi essencial na solução do caso: "Depois que a polícia admitiu a existência de um *serial killer* em Goiânia, aí sim as investigações foram bem conduzidas".

Galtier Rodrigues, à época também de O Popular, assim como Rosana, assegura que o Estado de Goiás só falou sobre a série de assassinatos depois que os jornalistas pressionaram os órgãos públicos e a polícia. "A imprensa foi essencial. Sem os profissionais de comunicação, o Estado não iria se pronunciar de forma clara sobre esse caso". O repórter defende ainda que "a Polícia Civil não iria falar abertamente sobre essa história se não fosse a pressão pública e da imprensa".

"Então, desde o momento em que a imprensa começou a levantar essa suspeita, iniciou também o contato com fontes da área de segurança pública, que, [...] em *off*, sinalizaram a existência de um homem que estava matando mulheres em Goiânia", afirma Rodrigues. "Isso dava segurança pra gente escrever e pressionar, garantindo assim mais visibilidade pro caso", destaca ainda o jornalista. Corroboram ainda dessa visão os jornalistas Jairo Menezes e Silvana Bittencourt. Apenas o repórter Renato Alves acredita que houve por parte da imprensa um sensacionalismo na abordagem e cobertura do caso do maníaco de Goiânia

A prisão do vigilante Tiago Henrique Gomes da Rocha também ganhou repercussão na imprensa internacional, sendo destaque em grandes jornais, como: *TIME*, *BBC News*, *Daily Mail*, *El Mundo* e no canal norte-americano *FOX TV*. As reportagens relatam que a polícia brasileira prendeu um homem que confessou ter matado 39 vítimas em um período de 3 anos, e que a polícia afirmou que o homem tinha como alvo moradores de rua, mulheres e homossexuais. Matérias que explicam também o *modus operandi* do vigilante, que à época, aos 26 anos, abordava suas vítimas em uma moto.

Os casos de assassinos em série ocupam as páginas dos jornais desde os primórdios da imprensa. A repercussão desse tipo de cobertura na sociedade pode ser avassaladora, o que exige reflexão sobre o fazer jornalístico, tanto do ponto de vista de sua técnica (definição de pauta, apuração, etc) como dos aspectos éticos, evitando assim que esse tipo de cobertura

recorra a fatores que apenas reforçam a venda desse tipo de notícia. (CARRARO; TEIXEIRA; ANDRÉ; 2017).

Goiânia foi um exemplo claro de como esse tipo de conteúdo pode impactar o dia a dia das pessoas. Como relatado anteriormente, as meninas e mulheres da capital se viram em um contexto de total insegurança. Quantas cortaram ou pintaram os cabelos? E as que mudaram os seus hábitos a partir das informações publicadas pela imprensa? Meninas e mulheres duplamente vitimizadas. É importante destacar o papel da segurança pública em casos como o do maníaco de Goiânia. É dever do Estado garantir a segurança do cidadão.

## Referências bibliográficas

BAHIA, Juarez. História da imprensa brasileira: **jornal, história e técnica**. vol.1. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora LTDA, 2009.

BALSEBRE, Armand. **A linguagem radiofônica**. in.: MEDITSCH, Eduardo (org). Teorias do rádio: **textos e contextos**. vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

BORGES, Fernanda. **Suposto serial killer diz que primeira vítima foi menor desaparecido em GO**. out, 2014. Disponível em <https://g1.globo.com/goias/noticia/2014/10/suposto-serial-killer-diz-que-primeira-vitima-foi-menor-desaparecido-em-go.html>>. Acesso 23 abr. 2022.

CARRARO, Guilherme; TEIXEIRA, Vitor; ANDRÉ, Hendry. **Do ato ao fato: a narrativa jornalística em casos de assassinos em série**. Curitiba. INTERCOM: 2017.

FORGEARD, Valerie. **The Social Impact of the Printing Press**. mar. 2022. Disponível em <<https://brilliantio.com/the-social-impact-of-the-printing-press/>>. Acesso em 29 jun. 2022.

GARCIA, Gabryella. **True crimes: por que crimes reais despertam tanto interesse nas pessoas?** set, 2021. Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2021/09/true-crimes-por-que-crimes-reais-despertam-tanto-interesse-nas-pessoas/>, Acesso em 23 abr. 2022.

RODRIGUES, Galtier. **Manias ajudaram investigação**. O Popular, Goiânia, 19 de out. de 2014.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

KAPLÚN, Mário. **Produção de programas de rádio: do roteiro à direção**. Florianópolis: Editora Insular, 2017.

MARRA, Heloisa; MOREIRA, Wilson; **Imprensa revolucionária: o jornal como agente politizador**. Maio, 2008. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101428/memoria20.pdf>>. Acesso 20 abr. 2022.

MARCONDES, Ciro Filho. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MEDEIROS, Marcello. **Podcasting: Produção descentralizada de conteúdo sonoro**. Intercom, p. 1-10, s.d. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84071885084469832222151638470992010359.pdf>. Acesso em 20 abr. 2022.

MEIRELLES, D. 1 Vídeo (14 min). **Equipe do Câmera Record conversa com parentes do serial killer de Goiânia**. Publicado pelo canal Câmera Record. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xfhjRQqzyUE>>. Acesso em 29 jun. 2022.

PEDROSO, Júlio. **Marketing de conteúdo e a criação de buyer personas para uma empresa do ramo varejista**. Rio Grande do Sul, 2018.

PIERANTI, Octavio Penna; MARTINS, Paulo Emílio Matos. Nelson Werneck Sodré e História da Imprensa no Brasil: **uma Análise da Relação entre Estado e Meios de Comunicação de Massa**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB. Brasília, 2006.

PIOVESANA, Luiz. **Como fazer um podcast: guia completo para começar**. Disponível em <<https://www.nuvemshop.com.br/blog/como-fazer-um-podcast-guia-completo-para-comecar/>> Acesso em 25 out. 2022.

PRIMO, A.F.T. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, n° 13, dez de 2008, p. 64-87. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4210>. Acesso em 20 abr. 2022.

QUIXABEIRA, Larissa. **Psiquiatra reforça psicopatia de Tiago Henrique: “Tinha pleno entendimento de seus atos”**. ago, 2016. Disponível em <<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/psiquiatra-reforca-psicopatia-de-tiago-henrique-tinha-pleno-entendimento-de-seus-atos-72551>>. Acesso 20 abr. 2022.

SILVA, Tiago. **Podcast: o que é e como fazer um de qualidade em 5 passos [+exemplos]**. Disponível em <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/como-criar-um-podcast/#:~:text=Como%20fazer%20um%20podcast%3F,podcast%20e%20plataformas%20de%20streaming>> Acesso em 25 out. 2022.

SHINE, Sidney. **Psicopatia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p.9.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular LTDA, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular LTDA, 2005.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: **uma teoria social da mídia**. 8ª ed. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

THORP, Clare. **Why are we obsessed with true crime?** The Telegraph, 2019. Disponível em <https://www.telegraph.co.uk/tv/a-confession/why-do-we-love-true-crime/>, Acesso em 01 mai. 2022.

VELASCO, Murilo. **Acusada de latrocínio nega ser ‘noiva’ de serial killer de Goiânia dentro da cadeia: ‘Nenhum interesse’**. set. 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2018/09/29/acusada-de-latrocinio-nega-ser-noiva-de-serial-killer-de-goiania-dentro-da-cadeia-nenhum-interesse.ghtml>>. Acesso 23 abr. 2022.

## **ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DA IMAGEM E DA VOZ**

### **TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, portador da RG sob n. \_\_\_\_\_, inscrito sob o nº CPF sob \_\_\_\_\_, autorizo, de forma total, definitiva e **gratuita**, a ampla utilização, sem restrição ou limitação, **para fins acadêmicos**, do meu nome, imagem e som de voz captados por ocasião de desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso.

As imagens e voz poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentação audiovisual, publicações e divulgações em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras.

Além disso, cedo, de forma total, definitiva e **gratuita**, para a PUC Goiás, a totalidade dos direitos patrimoniais/autorais e dos direitos que lhe são conexos incidentes sobre a integralidade da concretização do trabalho.

**Tenho ciência e concordo que toda a minha participação na referida ação a ser realizada pela aluna do curso de Jornalismo será feita de forma gratuita, não havendo nenhuma espécie de remuneração, repasse financeiro ou benefício econômico em meu favor.**

#### **Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD)**

Todos os dados coletados neste termo de autorização serão arquivados na coordenação do curso de Jornalismo ao final do trabalho.

## Apêndice A – Pauta

Observação: a mesma pauta foi aplicada a todos os jornalistas. A ideia era perceber como cada um e cada uma compreendia o papel da imprensa no caso do maníaco de Goiânia.

**Pauteiro:** Lara Beatriz

**Retranca:** Jornalistas/Cobertura Jornalística/*Serial killer* de Goiânia

**Tema:** Cobertura jornalística sobre o caso do *serial killer* de Goiânia

**Histórico/Sinopse:** Tiago Henrique Gomes da Rocha, também conhecido como o maníaco de Goiânia ou *serial killer* de Goiânia, foi um assassino em série que matou 39 pessoas, a maioria mulheres, entre os anos de 2011 e 2014, na cidade de Goiânia. Entre os homens, alguns seriam moradores de rua e homossexuais. Ele atacava suas vítimas em uma motocicleta, enquanto vestia um capacete preto e às vezes uma jaqueta. Condenado a mais de 600 anos de prisão, por mais de 30 assassinatos, Tiago cumpre pena em regime fechado, no Estado de Goiás.

**Enfoque/Encaminhamento:** O *serial killer* assassinou 39 pessoas, a maioria mulheres, entre os anos de 2011 e 2014, na cidade de Goiânia. Em 2014 o caso foi bastante explorado pela mídia, principalmente pela imprensa local. Sendo um dos assuntos mais comentados no estado de Goiás à época. Os jornalistas assumiram papel de destaque na investigação do caso.

**Fonte:**

Jornalistas Renato Alves, Rosana Melo, Silvana Bittencourt, Galtieri Rodrigues e Jairo Menezes.

**Sugestão de perguntas:**

- 1 - Quais foram os principais desafios dessa cobertura jornalística?
- 2 - Você acha que os jornalistas foram fundamentais na investigação do caso?
- 3 - Para você, a segurança pública atuou de forma assertiva no caso do maníaco de Goiânia?
- 4 - Qual foi a sensação de quando pegaram Tiago Henrique?
- 5 - Quais foram os maiores obstáculos durante a cobertura dos assassinatos?
- 6- Os jornalistas lidaram com muitas *fake news*?

## Apêndice B - Transcrição das entrevistas

### JORNALISTA ROSANA MELO

Bom, a entrevista com o Tiago, ela aconteceu já quando ele tava sendo julgado, foi um um dos julgamentos. Porque quando ele foi preso num primeiro momento, ele deu uma entrevista geral, eles não falam muita coisa. A gente foi tentando insistir com a justiça principalmente com o juiz do caso né? Que é o Dr. Jesseir, se ele poderia autorizar a gente falar com ele. E é um procedimento assim um pouco burocrático, porque além do juiz a gente tem que pedir pra defesa da pessoa e a pessoa tem que autorizar também. E meio que eu primeiro pedi pro doutor Jesseir um pouco antes do julgamento, eu não lembro de qual caso mais o Dr. Jesseir autorizou aí eu falei com o advogado do Tiago, ela autorizou se ele quisesse e aí ficou faltando autorização dele, e aí no final do julgamento quando ele ia sair da sala do júri já pra carceragem do Tribunal de Justiça, eu consegui falar com ele e perguntei se ele poderia me dar uma entrevista e ele topou. E aí eu fui conduzida pra carceragem, e ele foi colocado atrás das grades claro, e eu numa distância segura com guardas de escolta no local, eu fiz uma entrevista com ele e foi frustrante porque ele não responde o que a gente pergunta. Ele é muito frio, eu esperava outra coisa na verdade. Ele falou o que ele tinha falado durante a sessão do júri mesmo, que ele foi ouvido mais sem dar nenhum detalhe, sem acrescentar nada, pra mim foi frustrante. Da outra vez que eu entrevistei também a mesma coisa, mesma situação e não acrescentou em nada. Então frustrante seria a palavra.

E apesar de frustrante eu fui a única né? Que entrevistou o Tiago. Depois disso ele não falou com mais ninguém.

Bom, durante o desenrolar dos assassinatos a principal fonte pra nós jornalistas era Polícia Civil, seguido da Polícia Militar e depois as famílias né? Eu ouvi muitas famílias, eu conversei com amigos, familiares, conversei com pessoas nos locais dos crimes, porque eu fui na maioria deles, eu era repórter que fazia polícia pro O Popular na época e eu ia aos locais de crime que aconteciam durante o meu expediente e a atuação do Tiago era mais ou menos nesse horário, finalzinho da tarde e tal, é quando ele agia. Então eu fui na maioria dos casos e abordava tanto a polícia quanto curiosos e familiares ali.

E os maiores desafios pra essa cobertura foi exatamente o fato da polícia não admitir inicialmente a existência de um *serial killer* em Goiânia. E realmente seria inusitado. Nos mais de vinte e cinco anos que eu trabalhei com jornalismo, a gente não tinha noção de que isso pudesse acontecer em Goiânia ou em Goiás, apesar de alguns casos pontuais já terem surgido de pessoas que mataram mais de uma pessoa ou várias pessoas, teve o *Corumbá* e teve alguns

assaltantes também, brigas de gangues, mas sistematicamente um modelo de vítima com um jeito de agir específico que define o que é ser um *serial killer* isso a gente ainda não tinha observado aqui, e o mais difícil foi a polícia admitir e não admitindo, nós da imprensa não poderíamos falar né? E a gente não podia falar que era, a gente não podia bancar aquilo. Então isso dificultou um pouco, mas no final comprovou que era um *serial killer* e foi surpresa inclusive pra mim.

Bom se as investigações foram bem conduzidas, é depois que a polícia admitiu que realmente existiu um serial killer em Goiânia, aí sim as investigações foram bem conduzidas. Antes a polícia queria negar tanto, mas tanto que eu acho que ela não enxergava o óbvio. Que primeiro foi a imprensa que que desconfiou. Mas depois disso, depois que o Tiago confessou todos os crimes a polícia fez uma boa investigação e solucionou os casos tanto é que ele está condenado a de perpétuo aí né?

E os maiores obstáculos para durante a cobertura foi exatamente, primeiro a histeria que se criou porque já existia WhatsApp e o WhatsApp tinha uns áudios falando desse motoqueiro que matava as pessoas, e as pessoas foram aumentando a história, era um embrião de fake news ali e um outro obstáculo para nós né? Durante essa cobertura foi a própria negativa da polícia e do governo, que eu cheguei a entrevistar o Governador da época que era o Marconi Perillo e ele negou com veemência que houvesse um *serial killer* em Goiânia, disse que a maioria dos casos já estavam resolvidos, muitos tinham relação com drogas, muitos tinham ocorrido por causas passionais e hoje a gente entende que ele enquanto Governador não podia realmente falar pro O Popular, maior jornal do estado, o mais respeitado que existia mesmo *serial Killer*, e já que ele não estava preso, ia causar um alvoroço, as pessoas ficariam com muito medo, ia causar um pavor além da conta, hoje a gente entende isso.

Mais os maiores obstáculos foram esses mesmos, negativo e tudo mais. A questão de *fake news*, até que não teve tanto não, foram mais barulhos mesmo, ruídos durante a investigação. Um ou outro suspeito que as pessoas achavam que era o motoqueiro e depois não era, coisa normal de investigação criminal mesmo.

Olha na época o caso gerou muito medo na população, porque não se via a questão assim de uma pessoa matando mulheres na cidade, já tinha umas cinco, seis vítimas e as pessoas estavam com medo de sair na rua, com medo de um motoqueiro chegar perto e criou sim um temor na época, mas eu não acho que seja a culpa da imprensa não. Acho que a imprensa ela foi tão necessária nesse momento porque a polícia se calou ou negava a relação entre os casos. E a partir do momento que a imprensa toma para ser responsabilidade de esclarecer o que estava acontecendo, não acredito que ela tenha culpa né? Nesse temor, nesse medo gerado na

população na época não. Quem gerou mesmo o medo na população foi o Tiago. Sair matando por aí né?

Bom, a sensação de quando pegaram o Tiago Henrique foi de alívio e por diversos motivos. Primeiro porque eu sou mãe, as minhas filhas tinham a idade, na época muito parecida com a idade das vítimas dele, elas eram jovens, magras, morenas, cabelo comprido, estavam na faculdade, então estavam vulneráveis. Então eu tinha muito medo, recomendava muito que elas não saíssem sozinhas, se visse motoqueiro que se abrigassem, que não ficassem vulneráveis. Então o primeiro sentimento de alívio foi como mãe. Segundo como jornalista, porque quando eu levantei a hipótese de que havia um serial killer em ação em Goiânia, lá na Delegacia de Homicídio eu fui chamada de louca. Fui colocada para fora da delegacia, esse tipo de coisa.

Eu fiquei muito aliviada, na verdade quando ele confessou não só a morte das mulheres como a dos moradores de rua, porque quando houve a série de assassinatos de moradores de rua, eu levantei pautas de um serial killer, de alguém que tivesse fazendo uma limpeza social na cidade e eu também fui taxada de louca na época. Então foi um alívio muito grande saber que eu estava correta, que houve esse feeling né? E que eu tive esse feeling e satisfeita também do O Popular ter bancado isso daí. Eu gostei muito. E fiquei muito aliviada, como todo mundo ficou, do serial killer ter sido preso. Mas todo mundo ficou muito surpreso, não só a imprensa, como a polícia e a família de todas as vítimas, todo mundo ficou muito surpreso com o número de mortes que ele confessou. Foi assustador. Eu nunca imaginei que ele tivesse matado tantas pessoas, ele se lembrou de detalhes de cada um dos crimes que ele confessou e só depois eu fiquei com a impressão de que ele não confessou todos, tem mais coisa, é uma impressão que eu tenho, a polícia não confirma isso.

Agora como repórter de polícia que eu fui durante muitos anos, hoje em dia eu não sou mais repórter de polícia, eu nunca imaginei que eu faria matéria sobre um serial killer. E apesar de ter estudado sobre personalidades, psicopatas e tudo mais para fazer esse tipo de cobertura, eu nunca imaginei que eu chegasse a conhecer um. Então quando essa possibilidade surgiu, eu agarrei assim com força pra não deixar passar nada, então foi bem interessante mesmo foi uma cobertura que eu gostei de finalizar. Porque eu entendo que houve uma justiça para essas meninas que foram mortas, para a família delas que sofreu e sofre ainda, e resguardou a vida de outras tantas que ele certamente mataria.

## **JORNALISTA GALTIERY**

Então, eu lembro que o caso especificamente do *serial killer* foi meio difuso assim, né? Porque começou todo aquele burburinho ali no primeiro semestre de 2014. De que poderia a

ter, né? Um *serial killer* em ação em Goiânia, mas chegou a circular um áudio, né? De WhatsApp, de pessoas falando que teria um homem matador, que andava numa moto pela cidade, enfim. E também ao mesmo tempo que tinha todo esse burburinho, tinha uma resistência das forças de segurança principalmente, da Polícia Civil, da Secretaria de Segurança Pública em afirmar isso, que havia essa pessoa, né? Chegaram a dizer que não, chegaram a falar que não, que não existia e enfim. A chegada dessa informação à redação, chegou dessa maneira indiciária, né? Com indícios de uma coisa meio de falatório na cidade, de medo, enfim.

E depois com a confirmação, assim, mas a confirmação veio bem depois quando todas as mortes já tinham acontecido. Então a imprensa em si meio que ficou ali naquele ambiente de sem a total certeza, né? Eu lembro que O Popular mesmo, Jornal Popular, já trabalhava na época, chegou a fazer uma reportagem, traçando semelhanças, entre os assassinatos e na maneira como eles foram cometidos de algumas vítimas, de algumas das vítimas, que dava a entender e reforçava, né? A versão de que de fato existia esse homem, de fato agindo na cidade e matando mulheres. Então assim, a gente sempre atuou assim, antes dessa confirmação que só veio do poder público, né? Que só veio depois das mortes todas, a gente sempre atuou nesse sentido de os indícios que estão aí pra gente, eles são fortes e dão a entender que de fato tem um homem matando na cidade.

Então a gente sempre trabalhou com os indícios e a confirmação mesmo em si assim do poder público só veio bem depois, quando tudo já tinha acontecido. Eu lembro que o sinal claro de que havia esse possível *serial killer* foi com a morte da Ana Lídia, que foi no início de agosto de 2014, se eu não me engano a morte dela foi no dia 2 de agosto, que é aquela jovem adolescente né? Que foi morta no ponto de ônibus ali na Cidade Jardim e ela foi assassinada, ela estava indo encontrar com a mãe, ela estava indo ajudar a mãe, a mãe tinha uma banca na feira da Lua, então ela estava indo encontrar a mãe nesse dia, era um sábado, se eu não me engano. Ela estava indo pra lá pra encontrar com a mãe, sozinha, de mochila nas costas e tal e foi assassinada. E aí eu me lembro que de imediato como já tinha acontecido com outras vítimas antes, o tanto a sociedade quanto as forças de segurança, principalmente a de investigação, Polícia Civil, tentou buscar motivos para o assassinato dela tipo assim, aquela coisa bem, bem preconceituosa mesmo assim de investigação: “A ela tinha envolvimento com droga?” “Alguém da família tinha alguma rixa pra motivar alguma possível vingança?”. Sabe essas linhas de investigação bem preconceituosas, imediatas? Elas foram traçadas de início e não tinham absolutamente nada que justificasse o assassinato delas, não tinha porquê.

Ela era uma menina, uma adolescente, eu até me lembro que eu cheguei na casa dela, entrei no quarto dela, conversei com o tio dela, era uma menina tipo assim, super, não tinha o

porquê dela ter sido assassinada, ela era fã de *One Direction*, ela era uma jovem, era uma adolescente mesmo assim, sabe? Tipo, eu não tinha o porquê de ela ter sido assassinada.

E aí, com a comoção e com o assassinato dela, nas mesmas características, o motoqueiro que sequer desceu da moto, de capacete, que matou ela, aquela coisa toda, aí a polícia, a segurança pública, o governo de Goiás começou a afirmar de fato que havia esse homem agindo na cidade. E eu lembro que foi a só a partir da morte dela, depois de tantas outras que já tinham acontecido na cidade que a Secretaria de Segurança Pública e o governo de Goiás eles criaram a força tarefa da Polícia Civil pra investigar e tentar identificar quem que era esse homem.

Olha, as nossas principais fontes, foi tão difícil isso assim, porque por exemplo, 2014 era um ano eleitoral, e ano de eleição pra governo. Então, o governo, o Marconi, por exemplo, que era o governo na época, ele era candidato à reeleição e acho que ele estava enfrentando o Iris Rezende. E essa questão da segurança pública, né? O Goiás vinha ali de alguns recortes de assassinatos nos anos, nos meses anteriores, nos anos anteriores. E tudo isso foi muito pautado durante a campanha assim.

Então havia uma certa resistência dos integrantes da segurança pública em falar abertamente sobre esse assunto, porque era um ano delicado e a pauta do serial killer ela entrou na campanha eleitoral também, em 2014. Então a gente não tinha muita fonte oficial sabe assim e quando a gente tinha acesso a essas fontes da segurança pública era muito no sentido de eles tentavam negar o tempo todo, de amenizar o contexto aquela coisa toda e tal. Então foi muito complicado de ter acesso a essas fontes. O trabalho de reportagem na época foi um trabalho de ir aos locais mesmo assim, de conversar com as famílias, de conversar com os parentes das vítimas, de tentar buscar algum indício fora desse contexto oficial assim.

E como era campanha eleitoral e o caso começou a ser muito, ele foi muito explorado, eu acho que ele chegou até ser citado na propaganda eleitoral na campanha do Iris especificamente, e falando mal do governo do Marconi, eu lembro que houve uma ordem assim, dentro da Segurança Pública do Estado de que era pra elucidar esse caso o quanto antes assim, porque tinha virado de fato uma pauta muito forte contrária à reeleição do Marconi na época. Isso mobilizou todas as forças de segurança tanto a Polícia Civil quanto a Polícia Militar. E é curioso isso porque a Polícia Militar ela não faz investigação né? A Polícia Militar, a diligência dela é aquela polícia de rua né, de atender ali de imediato, ela não faz a investigação, ela não aprofunda no caso né? Naquela altura do campeonato a Polícia Militar já estava também investigando, porque virou uma questão de honra dentro das forças de segurança do estado de Goiás. Que que aconteceu? Começou a existir até uma certa competição entre as forças de segurança ali pra ver quem que elucidaria o caso.

E eu lembro que, eu entrei mais incisivamente no caso do *serial killer* a partir da morte da Ana Lúcia, que foi a adolescente assassinada ali na Cidade Jardim. Eu lembro que um dia o meu editor falou assim: “Galtieri vai lá e tentar conversar com a família dela, pra gente fazer um perfil dela, dessa vítima”. Por que que aconteceu? Começaram a surgir aqueles indícios. Não é indício, né? Aquela suspeita de investigação, aquelas suspeitas primárias. A será que ela tinha envolvimento com droga? Será que tinha alguém na família, que tinha alguma rixa que poderia causar alguma vingança? Enfim. E aí a grande questão da minha primeira pauta foi essa, vá ao local, vai lá conversar com a família dela pra saber, pra gente fazer um perfil. E nessa minha ida lá à Cidade Jardim até a casa onde ela morava, falei com o tio dela, encontrei, falei com os vizinhos aquela coisa toda.

Nessa ida eu lembro que eu identifiquei de imediato que a investigação não estava com a Polícia Civil. Lá eu encontrei um policial militar a paisano, que estava na residência onde que tinha o circuito de câmeras externas de segurança e que foi a câmera que pegou o assassino, o *serial killer* passando de moto, duas vezes indo e voltando na mesma rua, ficava bem próximo do ponto de ônibus onde ela foi assassinada. E nesse local eu encontrei esse policial. E aí numa conversa com ele assim a gente foi lá também pra buscar essas imagens e tal. Foram imagens até bastante utilizadas na época pelos veículos de comunicação. E nessa conversa com ele, aí eu identifiquei. Eu falei assim, claro eu concluí, não é um caso que está apenas com a Polícia Civil, a Polícia Militar também está dentro e virou uma competição entre as forças de segurança àquela altura, porque virou uma questão política, uma questão de honra, e que é natural assim que esses casos de comoção quem consegue elucidar geralmente ganha uma promoção, ganha uma gratificação, enfim, honrarias dentro da força de segurança. Então virou uma competição entre força, entre Polícia Militar e Polícia Civil àquela altura. E aí que vem o *plot twist* da história toda assim. Isso era início de agosto de 2014, né? Ainda.

Eu lembro que na minha conversa com esse policial, lá nessa casa onde a gente foi buscar as imagens, que que aconteceu? Ele nos mostrou e nos pediu ajuda porque lá no início de agosto de 2014, eles já tinham um vídeo do suspeito. O vídeo mostrava o quê? Mostrava o Tiago Henrique, furtando a placa de uma moto no estacionamento do supermercado Leve. Aquele que fica ali na Avenida Anhanguera em Goiânia. E ele nos mostrou esse vídeo. E o vídeo mostra o Tiago sem capacete, mostra o rosto dele, aquela coisa toda e isso já era início de agosto, né? Isso foi antes da implantação da criação da força tarefa da Polícia Civil.

Então eles já tinham um suspeito claro àquela altura, apesar de continuarem negando, de falarem que não existia nada, aquela coisa toda e tal. Ele já trabalhava com esse suspeito principal, porque ele tinha sido filmado furtando essa placa lá no estacionamento do Leve e foi

o proprietário dessa moto que teve a placa furtada registrou a ocorrência, a placa aparecia assinalada lá especificada numa ocorrência policial e semanas depois aconteceu a morte da Janaína Nicácio, é Janaína Ni, é Janaína Nicácio, não lembro se foi ela, eu sei que foi uma mulher que foi assassinada aqui no Jardim América ela estava em um bar, o *serial killer* chegou, desceu da moto, ainda de capacete, foi com a arma, matou ela, subiu na moto e saiu. Ela estava sentada muito próxima a calçada ali numa mesa. E nessa situação, as testemunhas conseguiram anotar a placa que estava na moto. E batia, era a mesma placa que havia sido furtada lá no supermercado, no estacionamento.

Então, foi a partir daí que eles começaram a traçar a existência do *serial killer* e conseguiram relacionar com esse homem que havia furtado a placa lá no supermercado. Então eles já tinham isso, essa linha de investigação bem forte, a partir da numeração dessa placa. E eu lembro que no mesmo dia que ele matou a Janaína, lá no Jardim América, ele cometeu um segundo assassinato. Foi na noite que ele matou duas mulheres em Goiânia. Foi uma no Jardim América e uma outra em um ponto de ônibus na T-9 aqui no Setor Bueno. Então tipo assim era bem próximo um ponto do outro, ele cometeu dois assassinatos na mesma noite. Então a linha já estava bem traçada assim, só que a todo instante as forças de segurança, Polícia Civil, o governo, negou isso o tempo inteiro, até eu acho que pra não criar o clima de terror, já estava grande na cidade e eu acho que ao mesmo tempo também pra não atrapalhar a investigação, porque se não ficaria claro pra eles, que eles já tinham um suspeito, que já tinham um vídeo que mostrava o rosto dele e que já estava bem assinalado, tudo aqui já estava bem indicativo né?

Aí o que que aconteceu? O grande *plot twist* da história toda foi que esse policial que nos encontrou lá na casa perto da residência onde morava a Ana Lídia ele nos pediu ajuda, lembra que estava eu e o fotógrafo Wildes, do Jornal O Popular. Ele nos pediu ajuda para ver se a gente conseguiria, com os equipamentos do jornal, de imagem e tal, melhorar a qualidade desse vídeo. E aí a gente falou: “Cara, vai lá no jornal, a gente consegue, vamos ver o que que a gente consegue lá”. E ele foi. Isso, início de agosto retomo isso assim. Destaco isso. Por que que aconteceu? Ele foi lá no jornal, a gente conseguiu melhorar um pouco a qualidade para aproximar mais a imagem do rosto do *serial killer*, no vídeo. E aí a gente conversando com ele, ele passou a ser uma fonte meio que em off minha assim de me ajudar, passar informação, se já tinha mais indícios, se já tinham descoberto o paradeiro desse suspeito, sabe assim? Onde ele morava, essa coisa toda e a gente passou a conversar. E nesse momento que ele foi ao jornal, a gente obteve esse vídeo, a gente salvou esse vídeo também e nós ficamos com esse vídeo lá no

O Popular até o dia da prisão do Tiago, que só veio acontecer mais de dois meses depois. Ele foi preso no início de outubro.

Então, a gente guardou essa informação por mais de dois meses, a gente sabia já quem que era o serial killer, a gente já tinha a imagem do rosto dele e a gente já sabia que a investigação da Polícia Civil já estava bem avançada nesse sentido assim, já tinha um suspeito principal, já tinha uma linha de investigação que relacionava uma placa de moto, né? Que havia sido furtada e com uma placa que era a mesma placa que havia sido utilizada no assassinato de pelo menos duas daquelas vítimas todas que estavam sendo, cujos assassinatos estavam sendo investigados. Então assim, a gente já tinha muito isso. Só que a gente não podia usar esse vídeo ou divulgá-lo para não atrapalhar a investigação. Que imagine você, a gente divulgar esse vídeo, né? Aí entra aquele momento de ética jornalística e de cuidado nosso no momento que você está, ainda mais num caso tão sensível como esse e que envolve, né? Risco de morte, de assassinato, essa coisa toda, a gente tem que ter esse cuidado. Aí a gente guardou esse vídeo e começamos a dialogar com a Segurança Pública, com a Polícia Civil sobre esse caso especificamente.

A gente já estava com um caso muito traçado assim, bem adiantado. E aí eu comecei nesse meio tempo, mais de dois meses de força tarefa né? Da Polícia Civil. Depois da morte da Ana Lídia, a força tarefa ficou instalada por mais de dois meses até o dia da prisão do Tiago, foi em outubro, início de outubro a gente começou a dialogar, eu lembro que havia uma resistência muito grande dos delegados em falar com a gente e eu nunca me esqueço do dia que eu fui até a Polícia Civil, numa das coletivas lá e assim lotado de jornalistas do Brasil todo, vieram veículos até internacionais pra cá pra cobrir o caso do serial killer e eu entrei na sala do superintendente executivo se eu não me engano da Polícia Civil na época, era ele quem estava à frente da força tarefa e respondendo por ela e aí eu falei pra ele, eu falei: “É o seguinte eu sei que vocês não querem falar com a gente, mas a gente um vídeo, a gente já tem esse vídeo, a gente sabe da existência dele, desse homem roubando, furtando a placa do estacionamento do Leve e a mesma placa do assassinato de Fulano e Fulano”, aí eu abri o jogo pra ele, aí foi quando ele meio que se desmontou pra mim, sabe quando a fonte tira a armadura, né?

Aquela coisa toda, ele falou: “Eles sabem, eles já sabem da história”, então aí ele ficou mais aberto pra gente assim a partir desse momento, mas o tempo todo claro guardando informações a gente não divulgou esse vídeo até o dia da prisão do Tiago pra não atrapalhar a investigação, deixamos a coisa rolar porque a gente viu que de fato eles já estavam no encalço desse suspeito e preservamos isso sim, mas foi um relacionamento de fonte traçado muito

naquela barganha e falei eu tenho isso e a gente sabe que isso existe, a gente não vai soltar mas a gente também precisa que né?

Vocês sejam mais maleáveis nesse sentido, a gente precisa também saber a que ponto que está. Porque existe uma pressão muito grande tanto da sociedade quanto, como é que eu vou te explicar? Jornalisticamente falando mesmo assim sobre esse caso. O medo, né? De fazer uma nova vítima. De matar mais alguém. A cidade estava aterrorizada àquela altura. Já não tinha mais, por mais que o poder público negava e reforçava essa ideia de tranquilidade, ninguém estava tranquilo mais. Então era uma pauta, foi uma pauta de um ano inteiro assim, foi uma pauta que começou em janeiro com a morte da, se eu não me engano da Beatriz, final de janeiro mais ou menos, e foi até o final do ano, assim, foi uma pauta de um ano inteiro.

Os maiores desafios talvez eles tenham sido nessa busca de informação né? E de cuidado também para não divulgar nada errado, não criar um clima de terror na sociedade, mas ao mesmo tempo consciente de que havia um risco, né? Havia um homem matando na cidade assim e também de quebrar essa barreira, né? Com os delegados, com as fontes da polícia e tal. Acho que os maiores desafios foram esses.

E depois que de identificada a existência desse homem de fato que estava matando mulher, acho que o maior desafio foi entrar em contato com as famílias, é conseguir falar com elas e traçar relação entre os casos assim, eu fiquei muito encarregado até na cobertura de ter contato com essas famílias foi uma das reportagens que eu fiz na época, contando a história delas e tal. Acho que o maior desafio talvez tenha sido esse, todas elas né foram mortas gratuitamente foram mortas na rua, muitas durante o dia, indo fazer coisas, indo encontrar com a mãe, indo levar os filhos na escola, indo a uma farmácia, por exemplo, como chegou a acontecer, sabe assim, fazendo coisas muito do dia a dia, saíram de casa, tranquilas e foram assassinadas por um homem que estava na rua matando assim, sem muito critério.

Então, foram vários desafios assim, foi uma cobertura muito desafiante né? O tempo inteiro tentando dosar o cuidado e a ética jornalística ali pra não ultrapassar demais esse limite, mas também mantendo a consciência de que era preciso divulgar, de que era preciso falar com essas famílias e de que era preciso acima de tudo pressionar o estado e a segurança pública por uma resposta que não dava pra você conviver né? Quase um ano todo com a possibilidade de mais uma vítima, de mais uma pessoa morrendo em Goiânia por um cara, por um motoqueiro que estava por aí matando pessoas. Então acho que foi um desafio constante sabe assim, perene o tempo inteiro entre dosar essas coisas todas assim.

A imprensa foi essencial. Assim, no meu ponto de vista, porque foi a gente que tornou... imagine você, o Estado não iria falar abertamente sobre esse caso. A Polícia Civil não

iria falar abertamente sobre essa história se não fosse a pressão pública e a pressão da imprensa sobre isso. Então eles resistiram em falar abertamente sobre esse caso até o dia da prisão do serial killer, que foi só em outubro, então ele já estava matando em Goiânia desde janeiro.

Então desde o momento que a imprensa começou a levantar essa suspeita, começou a levantar esses indícios assim e é importante destacar que no dia a dia de jornalista, de reportagem quem já tem fontes ali muito estabelecidas na segurança pública, é natural você falar em *on*, falar em *off* com um ou outro ali, então em *off* alguns davam a sinalização de que de fato existia, né? Uma pessoa, um homem que estava matando mulheres em Goiânia. Então a gente sabia, isso dava segurança pra gente, escrever e pressionar de certa forma, né? E dar mais visibilidade pro caso assim. Então foi o essencial assim.

Eu lembro que completados os dois meses da força tarefa que a Polícia Civil criou, a gente fez uma reportagem grande no O Popular, eu falei com algumas famílias das vítimas, todas estavam muito angustiadas, sem resposta, sem injustiça, aquele sentimento todo de impunidade, coisa de dois, três dias depois o Tiago foi preso. Foi preso justo naquela situação, né? Os policiais estavam reunidos lá no auditório da Secretaria de Segurança Pública, numa das reuniões que eles que eles fizeram na época assim pra unir os dados que eles levantaram né? É bom destacar assim o trabalho deles foi bastante metucioso, eles levantaram todas as características possíveis da moto utilizada pelo serial killer todas as características possíveis físicas dele assim, da maneira como ele se sentava na moto, da maneira como ele andava, eles levantaram todas as características que propiciaram por exemplo, se um policial da força tarefa o vice na rua ele seria identificado imediatamente.

Então todos os policiais da força tarefa já estavam com essas informações muito bem estabelecidas né? Eles tinham todas as numerações de placas possíveis que ele poderia utilizar, todas as características da moto, desde características assim tipo, ah ele tem um arranhão ou tem um adesivo ou tem sabe assim? Coisas da moto mesmo. Então eles saberiam se o vissem na rua. E foi o que aconteceu. Logo depois dessa reunião na força tarefa na Secretaria de Segurança Pública, uns policiais à paisana num veículo sem identificação, estavam passando ali pela Avenida Castelo Branco, e o avistaram. Ele estava de moto passando por ali, paralisaram e era o homem. Eles identificaram o Tiago pelas características que foram levantadas. Durante a investigação da força tarefa.

Então a imprensa foi essencial, nesse sentido assim e foi essencial até por exemplo, o caso do jornal O Popular que a gente já tinha o vídeo, né? Do Thiago desde agosto, assim, roubando lá a placa do estacionamento do supermercado, a gente manteve guardado, manteve esse vídeo guardado pra não prejudicar a investigação. Então a gente foi essencial até nesse

aspecto assim, sabe? De não atrapalhar a investigação. De tentar segurar o sucesso ali pra não prejudicar mesmo.

Como eram vários assassinatos, cada caso foi um caso específico. Eu lembro que muitas famílias reclamaram pra mim durante as entrevistas que, mães principalmente, tiveram que ouvir dos delegados, coisas como: “A sua filha mexia com droga”, “A sua filha se prostituía”. Eles tentavam traçar essas relações imediatas pra tentar explicar os assassinatos e não tinha nada a ver, né?

Foram mulheres que foram assassinadas em locais diversos de Goiânia sem motivo algum por um *serial killer*. O cara passava de moto, parava e atirava. Não tinha um porquê. E a polícia tentava justificar com essa visão preconceituosa o tempo todo assim, essa talvez tenha sido o grande problema de muitas das investigações. Isso aconteceu inclusive com o caso da Ana Lídia que era uma adolescente né? Se eu não me engano de 14, 12 anos, se eu não me engano. Não tinha porque traçar esse tipo de relação imediata sim. Então nesse aspecto, as investigações foram mal conduzidas. Faltou esse tato, faltou esse cuidado. E também tem toda a questão de que acabou sendo descoberto depois, que o *serial killer* chegou a mandar uma carta anos antes, pra Delegacia de Homicídios aqui de Goiânia, falando que ele iria matar ou que estaria matando pessoas, essa carta foi guardada no cofre da delegacia. Enfim, faltou todo um cuidado assim.

Então, e quando a matança estava acontecendo, as mortes estavam acontecendo, o tempo inteiro a resistência, né? Da Polícia Civil, da Secretaria de Segurança Pública em afirmar isso. Eu acho que a investigação passou a ser bem conduzida somente depois da morte da Ana Lídia e com a implantação da força tarefa. E aí é bom destacar. Havia toda uma pressão popular, uma pressão de mídia, da imprensa e também um contexto de campanha eleitoral, de eleição e estava a pleno vapor assim. Então o estado foi obrigado a implantar essa força tarefa diante da sucessão ali né? De mortes acontecendo na cidade.

E aí na força tarefa a investigação foi bem conduzida. Aí eles começaram a buscar vídeos, buscar imagens, juntar os casos todos e traçar as características tanto físicas, quanto sei lá, sabe? Do jeito de agir, eles traçaram as rotas. Sabe assim, onde ele mais circulava? Onde geralmente quais eram as Avenidas e as ruas de Goiânia por onde ele passava. Isso fez com que a polícia conseguisse traçar um perímetro ali de onde possivelmente ele morava, né? Que dava a entender que era mais ali em direção a região Oeste, Norte de Goiânia. Então ele moraria por ali, né? E foi o que ficou confirmado depois. Então durante os dois meses de força tarefa, a investigação foi bem conduzida. Mas antes, né? Nas investigações de caso a caso e até de negação da existência desse serial killer aconteceu muita coisa, aconteceu muita coisa assim

completamente questionável e que foram relatadas pelas famílias e que não pegou bem pra Polícia Civil de Goiás.

Os maiores obstáculos foi justamente lidar com o bloqueio ou com a negação das fontes oficiais. A gente, muita coisa do que a gente levantou, principalmente no Jornal O Popular, que é onde eu trabalhava, a gente levantou por nós mesmos assim, tipo assim eu lembro que muito do que a gente conseguiu de informação e de coisa, a gente não dependeu da polícia assim, a gente foi atrás mesmo, fomos pra rua e tal.

E foi a partir disso que a gente conseguiu traçar toda a história, assim eu lembro que no dia que o Tiago foi preso, foi um trabalho meu assim, de apenas confirmar o que eu já sabia, sabe? Eu lembro que eu fui, fiquei atrás mesmo dos delegados, eu lembro, eu tinha uma boa relação com o Murilo Polati, que era o Delegado da Delegacia de Homicídios e também com o Eduardo Prado que também entrou pra força tarefa e no dia que o Tiago foi preso eles meio que me deram alguns indícios que confirmaram toda a minha história assim, que a gente já tinha das placas, das placas que vinham sendo investigadas, as placas do vídeo né? Dele furtando a placa no supermercado aquela coisa toda. Então foi meio isso assim e eu lembro que apesar tudo, assim, de todo o nosso cuidado, de não divulgar a história antes e tal.

No dia da coletiva da prisão, né, ele foi preso um dia, a coletiva foi no dia seguinte. Um dos títulos da nossa reportagem do jornal O Popular, o título que abria, assim, toda a nossa cobertura se eu não me engano foi “Preso por coincidência”, foi uma coisa assim. E isso deixou os policiais muito nervosos e bravos assim com a reportagem. O Deusny especificamente, eu lembro que eu não fui na coletiva porque no dia da prisão do Tiago eu trabalhei de manhã, à tarde e à noite assim, foi um dia esgotante, e quem foi a coletiva foi a Malu Longo, colega nossa do O Popular. E ela me relatou depois, o Deusny simplesmente pegou o jornal O Popular e mostrou pra todo mundo que estava lá assim, aos berros, falando que o jornal tinha atrapalhado a investigação, que não sei o que não sei o que, que a prisão não tinha sido por coincidência.

Enfim, o Tiago foi preso passando de moto na rua, os policiais suspeitaram, as características que eles viram bateram com o que eles tinham levantado, foram lá e de fato era ele, assim não foi uma coisa de: “Vamos fazer uma operação e vamos prender, vamos lá no endereço dele pra gente descobrir onde é, e tal”. Não, não foi. Ele foi preso no meio da rua, no meio da Avenida, no final de tarde, hora do rancho, hora de congestionamento ali na Castelo Branco. Então deu a entender essa questão da coincidência, né? Então a gente pois isso no título, e o Deusny ficou muito nervoso e tal.

Então assim, a gente não atrapalhou a investigação, pelo contrário nós guardamos as informações que a gente tinha, o vídeo, a questão das placas, toda história toda, que já tinham

traçado uma relação entre os casos, a gente já tinha tudo isso assim. Então, ao meu ver a gente não atrapalhou, mais na visão da Polícia Civil ouve... Só que o que aconteceu, eles não leram, o Deusny não destacou o conteúdo das reportagens, ele destacou só pelo título, né? E depois, dias depois eu fui conversar com ele para uma entrevista, assim de complemento dos materiais de especiais que a gente fez em seguida. E aí eu lembro que eu bati nessa tecla com ele, eu falei: “Você leu a matéria aquele dia? Por que você ficou bravo com a gente?”, aí ele destacou, ele pediu desculpa, falou: “Galtieri de fato eu não tinha lido o material todo, depois eu fui ler, depois fui entender, acho que foi só a questão do título mesmo que eu vi, aquilo pegou pra gente, porque de fato foram dois meses de força tarefa, a gente levantou todos os dados, foram milhares de placas que eles levantaram. Chegaram a viajar pra outros estados pra investigar, aquela coisa toda e tal”.

Então assim, eles pegaram muito pra esse lado do brilho né? Do orgulho do trabalho que eles tinham feito e de repente o título não condizia com esse pensamento deles. Mas o conteúdo das reportagens estava completamente assim de acordo, dentro, não fugiu, não exagerou nesse aspecto, sabe? Mas teve isso assim, mas foi uma relação entre imprensa e fontes oficiais muito intensa nesses meses todos assim, eu lembro que quase todos os dias a gente ia pra Secretaria de Segurança Pública e ficava lá, esperando algum desdobramento, esperando alguma novidade, enfim. Foi muito trabalhoso e tentar achar algo novo sabe assim, tentar manter o assunto ali pra não morrer na pauta do dia a dia do jornal.

Eu não me lembro de receber muita desinformação não assim sobre esse caso, eu acho que circulou muita coisa na internet, mas a gente conseguia filtrar bem até porque é uma questão cuidado nessas coberturas policiais que a gente tinha muito assim no O Popular sabe? A gente tinha muito essas, uma conduta muito cuidadosa no trato desse caso pra não gerar um medo na população e também de não pisar em falso vamos dizer assim, mas por exemplo muita coisa que a polícia já estava à frente ela não divulgava e a gente tomava conhecimento a partir das famílias das vítimas, por exemplo a questão do retrato falado que fizeram né? Que virou quase que um meme na internet depois, eles fizeram um retrato falado do *serial killer* mas dele com capacete, isso virou até uma um motivo de chacota assim na internet na época porque como que você faz um retrato falado de uma pessoa e com capacete, né?

Então eu lembro que a gente descobriu esse retrato falado porque a gente conversou com uma das famílias das vítimas, elas falaram: “Eles até tem um retrato e tal”. Então assim, as famílias elas ajudaram bastante a gente no sentido de descobrir novas informações que estavam circulando ali na investigação, mas que não eram repassadas pra imprensa.

Então manter esse contato contínuo com elas foi importante por isso assim, até pra gente saber em que pé que estava e aí a gente filtrava o que a gente divulgaria e o que que a gente manteria em sigilo ali pra não pra não atrapalhar a investigação. Agora desinformação assim por exemplo quando o áudio saiu, aquele áudio que circulou né? Bem antes falando da possibilidade desse homem que está matando mulheres em Goiânia e tal. A gente teve muito cuidado com ele de não divulgar logo de cara assim.

Acho que as primeiras matérias até foram no sentido de polícia desmente ou polícia sabe assim? Só que era nesse sentido. A gente meio que teve esse cuidado de ir pisando devagarzinho e avançando aos poucos. A desinformação não atrapalhou tanto nesse sentido. E se ela existiu eu acho que ela não chegou tanto pra gente e se chegou a gente teve o cuidado de checar e de buscar alguma confirmação pra tratá-la de uma maneira mais segura.

Olha, eu acho que gerou um medo sim, a cidade ficou aterrorizada, principalmente mulheres, mulheres que trabalhavam e precisavam estar no ponto de ônibus pra ir embora pra casa, mulheres que trabalhavam à noite, principalmente. Eu acho que gerou esse medo muito grande assim. Agora, eu acho que a parcela de culpa não é tanto da imprensa ou do jornalismo em si. A parcela de culpa eu acho que foi na demora pela ilustração dos casos, né? As mortes foram acontecendo, uma a uma e existia essa resistência em afirmar a ação de um homem, de um *serial killer* em Goiânia e não havia uma resposta, não havia uma investigação contínua da Polícia Civil sobre isso assim não tinha nada, tanto que a coisa só foi acontecer depois da morte da Ana Lídia mesmo assim, que era uma adolescente foi um caso que gerou muita comoção, era uma menina que estava indo encontrar a mãe, trabalhar com a mãe na feira da lua e não tinha o porquê ela ser assassinada. Era uma menina sem qualquer precedente com a família assim sem qualquer envolvimento com nada que pudesse justificar uma morte.

Enfim. Então foi só depois dessa comoção, da pressão política né? Reforço muito esse contexto da campanha eleitoral de 2014. Porque a questão da segurança pública e do *serial killer*, isso virou pauta política na época. Então eu acho que o medo em si foi muito pela falta de resposta, pela falta de investigação mesmo e as mortes continuando né? Imagine você, as pessoas ficaram sem uma resposta sem saber, sem uma prisão, sem um suspeito preso, e com aquele medo, com aquela possibilidade de que uma próxima vítima pudesse ser atacada, pudesse ser assassinada nas ruas de Goiânia. E é bom lembrar, por exemplo.

É bom lembrar alguns aspectos. No decorrer da força tarefa eles chegaram a prender um homem, eu cheguei a encontrar com esse homem numa entrevista que eu consegui com mediante, através do advogado dele. A gente fez uma reportagem quando completaram dois meses na força tarefa a gente fez uma reportagem, e uma das entrevistas foi com esse homem

que havia sido preso no decorrer da força tarefa como suspeito e que não tinha nada a ver com a história.

A gente o entrevistou, ele estava de tornozeleira eletrônica ainda sabe assim e isso chegou a ser divulgado como suspeito preso e tal. E aí também no decorrer da força tarefa o Tiago ele tentou matar uma menina, uma mulher em um pit dog se eu não me engano aqui no Jardim América. E a arma falhou, ele chegou de moto, era tarde da noite já, ele parou a moto e atirou em direção a essa mulher e a arma lenco, a arma falhou, travou. E aí a mulher só não foi morta por isso.

E aí nesse a Polícia Civil já estava toda né, alerta sobre uma possível nova tentativa dele de matar alguém. A polícia foi nesse local, investigou tudo. Então tipo assim eu acho que no decorrer da força tarefa e quando eles perceberam que o homem que eles tinham prendido não era o *serial killer*, porque ele continuava na rua tentando matar pessoas, aí tudo ficou muito tenso assim sabe? Ficou tudo muito: “Precisamos prender logo porque ele está aí ainda, ele pode matar mais alguém, só não fez uma nova vítima porque a arma falhou”. Imagine você, ele ter feito uma nova vítima, durante a força tarefa, durante a campanha eleitoral com a cidade toda aterrorizada assim, sabe? Foi uma questão de muita sorte mesmo essa arma ter falhado pra ele não ter matado alguém. Foi só por isso assim.

Então já estava um clima bastante tenso e bastante de terror mesmo na cidade. E foi muito por essa questão o tempo passando e da falta de resposta. Acho que não muito pela questão da ação da mídia ou da cobertura jornalística não. Assim foi muito pela falta de resposta mesmo.

Então, foi tipo assim, nossa, finalmente. Porque foi como eu te disse, foi uma pauta de um ano inteiro, foram meses de cobertura. E quando prenderam ele, eu já sabia que era ele de fato, porque era o mesmo cara que aparecia naquele vídeo que a gente já tinha. Era o mesmo vídeo que tava, ele era a mesma pessoa, né? Do supermercado Leve, lá ele furtando a placa da moto, era a mesma pessoa, então eu falei, nossa, de fato agora, acho que chegaram ao suspeito principal. Talvez possa ser ele.

E aí no dia que prenderam, foi um dia bastante, que anunciaram a prisão, foi um dia de cobertura intensa assim. Eu lembro que eu fui pra Secretaria de Segurança Pública e minha missão era tentar abordar o Deusny e conversar com ele pra ter o mínimo de confirmação. Porque eles divulgaram que tinham prendido, mas eles não falaram assim: “Ele matou tantas vítimas ou matou Fulano ou não matou o Beltrano”, essa coisa toda. Eles não deram nenhuma confirmação nesse sentido apenas divulgaram que tinham prendido. E aí fui eu lá pra Secretaria de Segurança Pública, lembro que eu fiquei lá o dia todo, cheguei e lá tinha um restaurante onde

dos policiais almoçavam, eu fui almoçar também, almocei na mesa do lado do Deusny, fiquei do lado dele, aí na volta dele pra sala dele eu fui conversando com ele, eu falei: “Deusny vamos conversar”, aí eu falei: “Deusny ele matou quantas?”, o Deusny: “Matou algumas, não posso falar Galtieri, a gente vai falar amanhã na coletiva e tal, a gente não pode ajudar muita nessa elucidação”. Eu falei: “Matou fulana?”, e ele: “Matou!”, falei: “Matou beltrano?”, “Matou”, “É ele que matou a ciclana?”, “Matou!”.

Eu sei que eu fui falando os nomes das vítimas e ele foi nesse curto trajeto entre o restaurante da Secretaria de Segurança Pública e o retorno dele pra sala dele eu consegui falar o nome de umas sete, oito vítimas assim e ele me confirmou, aí quando eu fui pra nona ele falou: “Não posso falar mais Galtieri só amanhã mesmo na coletiva”. Então aquela altura eu já tinha a confirmação de que o Tiago, o que havia sido preso tinha matado pelo menos oito das mulheres. E aí a gente soltou essa matéria no O Popular. E aí nesse dia eu fiquei na Segurança Pública e depois teve um encontro no Palácio das Esmeraldas do governo, com as famílias das vítimas. E àquela altura eu já tinha assim contato com todas as famílias, eles já me conheciam, a gente já tinha conversado bastante e tal. E aí a gente foi pra lá, fiquei lá, fui pro Palácio das Esmeraldas e na saída eu conversei com algumas famílias, falaram que de fato era o cara, que não sei o que, confirmaram isso. Então, aí eu esperei alguns delegados saírem, o delegado Murilo Polatti saiu, ficou conversando ali na porta com muitas das famílias também. Eu consegui ir tirando coisas dele ali na porta do palácio, fui tirando algumas confirmações que ajudavam a corroborar a tese que a gente já tinha, todos os dados que a gente já tinha. Abordei também o Eduardo Prado, delegado, que hoje deputado, né? Ele também confirmou algumas coisas, confirmou principalmente pra mim a questão da placa, ele falou da numeração da placa pra mim, na saída. Então, antes da coletiva que eles iam dar no dia seguinte, a gente já tinha toda a história, então foi o que ajudou muito a fazer com que O Popular adiantasse tudo no dia da coletiva assim. A nossa cobertura foi intensa, foi cobertura de um dia inteiro, eu lembro que eu entrei pra trabalhar às nove da manhã e só saí do jornal quase uma da manhã, pra fechar aquela edição, foi uma edição histórica do jornal eu acredito, porque a gente já estava com todas as informações e os dados ali e conseguimos adiantar tudo antes da coletiva de imprensa da Polícia Civil. Então quando prendeu o Tiago foi nossa, foi assim quando eu vi a imagem dele eu sabia que era que a gente já tinha acesso ao vídeo anterior e nos dias seguintes né? Pós prisão foram dias bastante intensos ali no Núcleo das Especializadas das Delegacias especializadas na Cidade Jardim, a gente ficava lá de plantão, ficava se revezando jornalista o tempo todo pra ver se tem algum movimento, pra ver se o Tiago ia sair, se eles iam levá-lo pra algum lugar e não sei o que e tal e eu lembro que ele se dividiram a força tarefa entre a Delegacia de Homicídios

entre Delegados da Denarc, tinha ainda uma outra sala lá, um outro local com outros delegados trabalhando também o tempo todo. Então eles dividiram os casos entre esses delegados e acontecia muito por exemplo, de o delegado tal que precisava ouvir o Tiago aí tirava o Tiago da cela lá da delegacia e levava ele pra outra unidade, então acontecia muito de fazer imagens dele nesses momentos, né? De transferência dele pra outra delegacia ali. Então foram dias assim de plantão mesmo, de busca de informações.

Eu lembro que teve aquele episódio dele tentar se matar, né? Dele se cortar dentro da delegacia. A imagem chegou a sair em jornais britânicos se eu não me engano no The Sun, a imprensa internacional estava de olho nessa história também. Então foram dias muito movimentados assim.

Teve um dia que eu estava no Palácio das Esmeraldas, eu não lembro absolutamente onde eu estava, eu sei que eu estava bem longe assim e o meu chefe me ligou e falou: “Vá lá pra delegacias porque o Tiago vai dar entrevistas. E ele só vai dar entrevistas pra homens, ele não quer falar com mulheres”. O que levantou toda essa história de que ele tinha ódio das mulheres e não sei o que e tal. Aí vai eu, estava a caminho e cheguei lá e ele cancelou, não ia dar entrevista mais, aquela coisa toda, enfim. Foram dias muito movimentados, intensos, assim, de muita história. Eu acho que nesse meio tempo pode ter tido algum exagero ali de conduta jornalística, de abuso mesmo assim, de sensacionalismo, mais eu não me recordo muito porque eu lembro que como eu estava muito envolvido com a história, eu fiquei muito focado na cobertura do que a gente estava fazendo no Jornal O Popular e a gente estava seguindo meio que uma conduta ética em relação a esse caso ali desde o princípio pra tomar um certo cuidado, então aguardamos as informações que a gente tinha, então a gente preservou essa mesma conduta até o final da cobertura assim, eu lembro que depois eu fiz alguns especiais, fiz uma especial com as famílias todas, fiz uma outra especial sobre a investigação, que foi quando eu tive acesso aos dados, as fotos, aos vídeos, a maneira, o caminho que a investigação percorreu pra chegar até ele, eles dividiram dois aspectos assim.

Teve a investigação em relação a pessoa do Tiago, as características dele e também teve a investigação em relação às características da moto. Então cruzando todos os dados ali, eles conseguiram chegar ao perfil e as características finais dele que foram, que propiciaram identificação e prisão dele no início de outubro de 2014. Foram dias bastante, foram dias movimentadíssimos assim muito intensos de trabalho, contínuo e de muita atenção pra não perder nada e não deixar de reportar nada importante.

## JORNALISTA JAIRO MENEZES

Todo esquema foi mais amplo. Eu comecei essa cobertura em 2010, que eu comecei essa cobertura. Eu já era repórter policial do jornal Diário da Manhã, que era o segundo jornal mais lido do estado. Então como premissa do meu dia a dia eu fazia assim, eu entrava em contato diariamente na Delegacia de Homicídios de Goiânia e eu anotava nome, horário, data, local, das vítimas de homicídio de Goiânia. Então eu fazia uma tabela o mês inteiro, quando chegava no final do mês eu já tinha uma reportagem especial pra fazer. Com o levantamento dos homicídios que aconteciam, a média de homicídios semanal.

Então eu fazia mensalmente essa publicação e assim era uma pauta que eu mesmo desenvolvia o mês inteiro enquanto eu ia fazendo as outras coberturas. Teve um mês específico que eu achei muito estranho. Que aconteceram muitas mortes e de pessoas em situação de rua. Então pessoas em situação de rua estavam sendo assassinadas. Já me atinou. Levantou uma ideia de pauta diferente. “Vou fazer um uma matéria só de mortes comuns. Vou fazer uma matéria de mortes de pessoas em situação de rua”.

E o que que aconteceu? Fiz essa matéria, beleza e fiquei com aquilo na cabeça durante muito tempo. E por gostar muito do jornalismo de dados eu sempre guardo os meus bloquinhos de anotações, eu tenho bloquinho de anotações, eu comecei no jornalismo e minha primeira capa foi escrito com 14 anos, então eu tenho todos guardados. E aí eu preciso de alguma coisa, eu vasculho, olho nos meus arquivos e tudo.

Eu fui convidado pra TV Serra Dourada e saí do Diário da Manhã depois, e eu já fui convidado pra TV Serra Dourada pra ingressar no núcleo de jornalismo investigativo. Então eu tinha uma salinha separada, uma linha de telefone não ligada ao PABX da TV, era tudo diferente, a minha missão era encontrar pautas diferentes do que a redação encontrava. Nesse contexto eu fui fazer uma matéria especial lá no Instituto de Criminalística sobre como o crime poderia ser solucionado pela ciência. Seria uma pauta especial, só que nessa matéria eu encontrei com a fonte primária que me deu a informação do *Serial Killer*. Fonte primária no jornalismo você sabe muito bem é aquela pessoa que te dá a dica do assunto. E você aparenta ignorar aquela fonte, mas você pega aquilo pra apurar e aprofundar. Durante as entrevistas pra essa matéria sobre o crime solucionado pela ciência, uma perita do instituto de balística lá dentro me disse que eles estavam apurando uma situação e já tinham confirmado pelos exames de balística que cinco pessoas haviam sido mortas com a mesma arma em Goiânia em regiões próximas, durante tal e tal período. Falei: “Nossa, mas isso foi identificado como?”, ela falou: “Não, as pessoas chegam aqui e a gente faz nos corpos, a gente faz o raio X e depois a gente, os peritos pegam essas cápsulas de dentro dos corpos e fazem os exames, aquelas situações que

se confrontam a gente acende esse alerta e comunica a Polícia Civil”. Eu falei: “Ótimo, beleza. Não tem problema não”.

E aparentemente não demostrei pra ela que aquilo me interessou. Mas eu saí de lá sabendo que havia algo estranho. Que que eu fiz? Comecei a perceber crimes nesse período que ela me disse. E eu peguei aquela listagem que eu continuava fazendo dos homicídios dia após dia, o levantamento. E eu peguei, confirmei.

Então eu sabia quem que eram as vítimas e quais regiões, que hora que elas foram mortas, com o que que elas foram mortas, tiro sempre na mesma região, num curto espaço geográfico e quase sempre no mesmo horário. Eu entrei em contato com e sem comunicar nada pra emissora e tudo, eu entrei em contato com um psicólogo forense, Leonardo Ferreira Faria. E falei pra ele: “Olha está acontecendo uma parada assim”. Conte pra ele tudo, ele me disse: “Olha se isso que está me falando, se confirmar, trata-se de um assassino em série. Então tem uma pessoa matando em série e ela vai continuar matando no mesmo horário, com o mesmo perfil de vítima, na mesma sequência de dias, na mesma região, porque eles agem assim”. Eu falei: “Você grava isso?”. Porque era TV, se fosse impresso, isso que ele me falou já valia como uma declaração, mas era TV. Eu precisava que gravasse. Ele falou: “Olha, eu sou perito do IML. Se eu falasse pra você, se eu falar pra você pelo IML eu estou falando pelo órgão. Então oficialmente fica chato de eu fazer isso”.

Eu demorei dois meses pra quem ele aceitasse e eu ligava pra ele todos os dias. Eu demorei dois meses pra que ele aceitasse me conceder uma entrevista. Mas não era o suficiente, eu tinha só uma fonte que dizia da possibilidade de haver um *serial killer*.

Eu entrei em contato na época com o ex-presidente do CREMEGO, Conselho Regional de Medicina, que era um psiquiatra. Ele confirmou todas essas possibilidades de haver uma pessoa, um assassino à solta e entrei em contato com o juiz da Vara de Crimes Dolosos Contra a Vida de Goiânia, e perguntei: “Você já julgou algum caso de um matador em série?” Ele falou que não. Eu falei: “Você estuda criminalística há muito tempo. Então eu vou te contar tal situação. A polícia está apurando, tal, tal, tal, tal, tal coisa”, ele disse: “Então nós temos realmente um assassino em série”, e falei: “Você grava?”, gravou. Eu fui na casa dele gravar isso.

Então eu já tinha três fontes que gravaram confirmando isso, mas eu precisava da confirmação oficial por uma fonte oficial, polícia. Eu não ia voltar na minha fonte primária, jamais eu faria isso, porque eu destruiria a carreira dela dentro da polícia. Eu iria apresentar algo de uma investigação que estava em andamento e ela soltou pra mim sem entender que estava soltando uma coisa desse tamanho. Então eu entrei em contato com o delegado

responsável pela Delegacia de Homicídios, Dr. Murilo Polatti, ele virou pra mim e falou: “Jairo, isso é uma mentira, que ideia louca, você está maluco”, por telefone ele falou isso. Eu falei: “Doutor, mas pode haver essa situação, vocês estão investigando?”, e ele: “Não, isso não existe, não estamos investigando nada disso”, falei: “Mas o senhor me recebe aí na Delegacia?”, precisava que ele falasse isso: “O senhor me recebe aí na Delegacia pra gravar?”, ele falou: “Recebo”.

Aí eu cheguei nele e conversei diferente, eu sabia que ele ia falar ou não. Eu precisava que ele gaguejasse. Porque numa entrevista se a pessoa gagueja é porque ela te duviou, está escondendo algo. Então eu fui lá e antes da entrevista eu conversei com o cinegrafista pra gravar tudo na nossa conversa.

Ele colocou a câmera bem próximo da gente virada pra gente, a câmera não acendia o vermelhinho e o Dr. Murilo Polatti me confirmou a existência do *serial killer*, mas na hora da gravação ele negou. Na hora da gravação ele disse: “Não isso não passa de uma humilhação, é uma conversa que nós não estamos nem tratando sobre isso, isso não passa de fofoca”. Praticamente falou que havia uma fofoca, mas por trás das câmeras ele já havia me confirmado. Ele falou: “Eu não posso declarar que há uma investigação nesse sentido”. E falei: “Dr. Então beleza, então grava algo e ele gravou negando”. Ainda não era suficiente pra que eu colocasse no ar. Eu já tinha quatro fontes, eu escrevi a matéria toda, escrevi o repórter, eu não era repórter da TV, eu era produtor e eu escrevi o repórter Lucílio Macedo, gravou todo o *off*, eu editei a matéria, acrescentei as sonoras onde deveria colocar.

E descobri antes de ir ao ar que o Secretário de Segurança Pública havia sido convidado pela produção, pela redação pra ir falar sobre redução de índice de criminalidade. Então era uma pauta positiva pra ele e ele foi pra publicizar o bom trabalho da segurança pública na emissora, foi dar uma entrevista no estúdio. Terminou a entrevista no estúdio eu estava na porta do estúdio com a câmera ligada e o microfone, eu apontei pra ele e perguntei: “Me fala sobre a possibilidade de haver um *serial killer* que vocês estão investigando porque tem cinco mortes com uma arma só”. E ele confirmou.

Então eu tinha agora sim, uma sonora da maior autoridade de segurança pública do estado confirmando haver uma investigação pra apurar um *serial killer*. Havia um *serial killer* à solta. Foi assim que a matéria foi feita e foi ao ar no dia seguinte.

No dia seguinte também depois do jornal a minha cabeça foi pedida pela assessoria de imprensa da segurança pública do estado. Foi pedido a minha demissão pela assessoria de comunicação ao próprio Jordevá Rosa que era chefe de jornalismo da TV Serra Dourada e ele

disse: “Se a reportagem tiver alguma mentira, se a reportagem apresentar alguma coisa que não é fato, você tem a minha palavra que ele vai ser demitido, o que não é fato?”.

Foi um pânico social em Goiânia, eu não sei se é causado pela reportagem ou se a reportagem influenciou um pouco nisso porque não foi uma reportagem só, foram cinco reportagens, nós tínhamos muito conteúdo e tempo de televisão é muito curto. Então foram cinco reportagens feitas e precisava de colocar no ar. Então eu coloquei uma reportagem sobre morte de mulheres, outra sobre morte de moradores de rua e diversas situações. E a última reportagem eu afirmei que havia um *serial killer* à solta.

Então foi bem complicado porque as pessoas ligavam, outros veículos de comunicação ligavam na redação perguntando: “Onde que vocês conseguiram isso? Como que vocês conseguiram provar isso pra poder afirmar?” E aí tinha situação na matéria que nós tivemos que omitir, fontes nós tivemos que omitir na matéria. Mas nós afirmamos com toda certeza.

Eu acredito que o a imprensa não teve essa parcela de culpa no pânico, apesar de eu acreditar, mas por precaução própria, por sentimento próprio de que isso surgiu, mas não foi a imprensa que causou o pânico social, o que causou o pânico social foram *fake news* transmitidos através de rede social, de mensagens instantâneas. Então aquelas mensagens instantâneas provocaram muito medo da população.

Eu pergunto se as *fake news* afetaram a cobertura jornalística: Afetou muito, não sei se a polícia foi afetada com isso, mas pra nossa cobertura afetou muito, porque a gente queria suitar o caso, suitar a série de reportagens. Então digamos que qualquer nova informação aquilo não tinha acabado, então qualquer nova informação era interessante pra gente apurar e fazer uma nova matéria. O que que aconteceu? Pessoas ligavam pra gente e diziam: “O *serial killer* acabou de matar uma pessoa aqui”. Aí a gente tentava checar com fontes oficiais, bombeiro, polícia: “Enviaram equipe pra esse lugar pra um homicídio?” “Não”.

E enviávamos equipe pra esses lugares, chegavam lá e não tinha nada. Então assim, foi um desgaste muito grande, foi um período de três meses entre as reportagens e a prisão dele mesmo, muito desgastante. Tanto que a TV Serra Dourada tinha uma estrutura muito pequena e tem uma estrutura muito pequena diante das outras televisões de Goiás, das grandes televisões de Goiás. Então chegou um período que já eram três meses de *fake news* uma depois da outra, a gente checando, checando, checando, então chega um período que a gente já não acreditava mais nas possibilidades e chegou um dia que viraram e disseram: “Prenderam o *serial killer* aqui na frente da minha da minha oficina”, mas recebemos uma ligação na redação dizendo: “Prenderam o *serial killer* na frente de uma serraria, aqui na Castelo Branco”. E a gente claro não acreditou.

Uma emissora em Goiás que tem mais estrutura, tem uma equipe mais cheia que é Record TV investiu, recebeu também a ligação e investiu. Enviou equipe e confirmou que havia sido preso naquele lugar, conseguiram imagens da prisão. Então assim, nós demos o início, mas tomamos um furo, nós da Serra Dourada demos o início, furamos todo mundo, mas na prisão dele nós tomamos um furo imperdoável porque nós subestimamos a informação.

As vezes mais de uma *fake news* por dia sabe, entrando em contato direto com a redação e nos desgastamos, a gente não ia atrás. A polícia montou uma força tarefa e escondeu de todo mundo. Não se falou mais nisso depois da exibição das reportagens, não se falou mais disso, as autoridades não tocaram no assunto, virou assunto secreto.

O jornalismo e a divulgação inicial foram fundamentais pra que a polícia desenvolvesse uma força tarefa pra encontrar o que que era o que estava acontecendo. Eles confirmaram sim haver um *serial killer* mas depois do jornalismo. Porque o papel do jornalismo investigativo no início deu *start* pra apuração policial.

Eu pergunto se as investigações foram bem conduzidas: Eu não sei te falar se foram bem conduzidas. Mas a apresentação policial dele com aquele peitoral aberto, com aquela situação toda foi um Carnaval, foi um Carnaval, foi mais escandaloso que a festa do Bumba meu boi. Então apresentar um homem com altura 1,90 – 1,80, entre um e oitenta e um e noventa, forte, com braços expostos, com peitoral exposto, aquele peitoral cabeludo exposto, másculo, e isso provocou em seguida depois da prisão, ele receber várias cartas com pedido de namoro, com pedido de casamento, provocou um casamento dentro do presídio porque ele chegou a oficializar, ele realmente casou, a menina depois negou e tudo, mas aí por procurador os dois se casaram e por procurador ela se separou dele. Tudo por procuração em Aparecida de Goiânia, no primeiro cartório.

Perguntei sobre a prisão do Tiago: Eu não dormi três dias, porque era um peso que várias fontes haviam me confirmado a situação, eu tinha apresentado tudo, eu tinha apurado. Gente você checar uma situação, saber que aquilo ali beleza todo mundo confirmou, coloquei no ar e passaram três meses de silêncio. “Será que aquilo que eu coloquei no ar era verdade mesmo?” Será que eu criei uma *fake news*?”, eu fiquei com medo. Quando foi ao ar eu não dormi três dias, eu não dormi três dias. Porque eu imaginei assim, confirmou que o trabalho que eu fiz foi bem feito, eu chequei, eu chequei, é o princípio básico do jornalismo, eu chequei. Só que essa confirmação e esse entre aspas “louro” eu só recebi três anos depois da prisão dele. Já depois dele condenado por alguns homicídios e tudo.

Numa reportagem lá na TV Serra Dourada também, o próprio chefe de jornalismo fez a reportagem tudo e citou como que tinha sido desenvolvida, ele abriu tipo a produção

investigativa da matéria, revelou fontes, porque eu havia comentado com ele, eu falei: “Nossa, mas fazer aquela matéria deu tanto trabalho, consumiu tanto tempo e entrou no ostracismo”. Quando completou três anos da prisão, ele falou: “Vamos fazer um material especial” e convidou o juiz que estava julgando os casos do *serial killer*. E esse juiz citou como que tinha sido feita a apuração e falou: “Olha se não fosse o Jairo, nem a Polícia Civil teria investigado”.

Missão como jornalista cumprida. Teve colega jornalista que virou pra mim e disse: “Você está doido, você está vendo muito filme policial, está lendo muito livro policial, você está assistindo muito filme americano. Não inventa”.

Na prisão dele, no ato da prisão do Tiago nós ignoramos, tomamos furo temporal porque a Record deu primeiro, mas aí aquela situação: corre atrás e tenta recuperar a situação. E aí eu fui e apurei qual era o trajeto que ele estava fazendo, de onde que ele estava indo e pra onde que ele estava voltando. Então ele foi preso enquanto saía de uma região pra voltar pra casa. E haviam policiais na porta da casa dele, com caminhonete esperando ele chegar, mas uma equipe policial conseguiu, que estava seguindo ele, viu um momento de distração e prendeu ele no meio da rua. É aquela situação, eles não esperaram até o fim do destino dele pra prender.

Então eu consegui com fonte de dentro da polícia, com uma das pessoas que estavam, que me passavam informações da Delegacia de Homicídios, me disse onde que era a casa dele, onde que eles estavam esperando, tinham uma caminhonete que era veículo apreendido da polícia, que eles utilizaram pra levar lá pra porta da casa dele, como se fosse uma pessoa que o carro estragou lá na porta da casa e essa pessoa abriu o capô, eram todos agentes policiais, abriu o capô chegou uma pessoa vestida de mecânico todo sujo, pra arrumar e outro debaixo do carro e tudo.

Então assim estava uma ceninha preparada pra chegada dele e não chegou, e esse cara me contou: “Não, a gente estava lá na porta do cara esperando tudo, conseguiram prender antes e a gente saiu de lá e foi embora”, “Onde?”, e eu fui na casa.

Quando eu cheguei na casa a mãe estava lá, uma senhorinha estava lá, frágil, parecia frágil. Aí ela não quis falar comigo, só aceitou depois no escritório de um advogado, e aí eu levei pra entrevistar o diretor de jornalismo.

Perguntei em qual setor eles moravam: Na região Noroeste de Goiânia. Eu não me lembro o nome do setor, mas é um bairro horizontal, é bem afastado, se eu não me engano a rua que ele morava, a casa era alugada, a rua que ele morava era a única com o asfalto. Ele não era bem humilde, se você levar em consideração que ele tinha profissão, era vigilante, ele tinha uma moto, a mãe recebia pensão, então não era tão humilde assim, ele tinha instrução. Ele é uma pessoa inteligente.

Perguntei se ele achava que o Tiago matava mulheres parecidas com a mãe: Não é bem assim. Uma coisa que a gente não falou, né? Na imprensa na época, que chegaram imagens da averiguação, da apreensão, do cumprimento de mandato, de busca e apreensão na casa dele foram encontradas duas bonecas infláveis e fotos cortadas da mãe dele com o mesmo formato, não estavam pregadas nas bonecas, mas com o mesmo formato do rosto da boneca, então a foto cortada no mesmo formato. Então assim o que se pensou na época é alguma coisa que ele tem com a mãe? Apesar da gente não publicar isso porque não acrescentaria muita coisa na apuração jornalística na época. Mas assim, pode ter alguma questão com realmente, eu imagino, pode ter alguma questão com a mãe, enfim. Mas não são pessoas parecidas com a mãe não. Se imagina muita coisa durante uma cobertura, se cogita muito a possibilidade, mas eu não acho não que as pessoas pareciam, ele procurava pessoas frágeis.

Matou muito menina nova, rapaz que não apresentava risco de reação, morador de rua dormindo em marquise. Apesar de ter um raciocínio, seguir um padrão que era sempre tiro na região do tórax, abdômen, ele não deu um título no rosto, não deu um tiro no rosto, ele queria preservar a feição da vítima. Aí eu entro no meu achismo: ele queria ver a cara da pessoa morrer? Não sei.

Houve um pânico social imenso, mulheres em Goiânia, na região metropolitana ficavam com medo e deixavam claríssimo. “Olha eu não saio do meu trabalho sem que o meu esposo venha me buscar, sem que o meu pai, meu irmão venha me buscar, só saio do ponto de ônibus se tem alguém me esperando no ponto de ônibus”. Havia isso. Havia isso esse medo. Ir sozinho comprar alguma coisa, não era todo mundo que tinha essa coragem não.

Se em São Paulo o pessoal tem medo de dois rapazes sentados numa moto transitando, em Goiânia tinha medo de um rapaz transitando numa moto preta com capacete escuro. Não foi pelo jornalismo, o jornalismo iniciou a informação. O jornalismo deu a informação pro público, depois do jornalismo dar informação pro público aconteceram situações, e mentiras, e *fake news* e tudo mais. Mas pela população transmitido pela população e através de mensagens instantâneas, redes sociais que na época era Facebook, muito forte. O WhatsApp estava começando, mensagem SMS. Então assim muita coisa era transmitida através da internet. O jornalismo alertou, o jornalismo entregou pra população o fato que estava em andamento.

## **JORNALISTA SILVANA BITTENCOURT**

Na época a Rosana estava cobrindo polícia, ela agora está em outra função, mas ela cobriu polícia durante muito tempo e tinha muitas fontes nessa área, né? A fonte oficial negou durante muito tempo, eles insistiram nessa negativa. A gente não sabe se por algum motivo,

algum motivo político lá dentro, ou talvez pelo fato deles ainda não terem concluído a investigação, que acontece muito, enquanto eles não concluem a investigação para não atrapalhar, eles não divulgam. Nós tivemos uma fonte que falava de um roubo que aconteceu, o roubo de uma placa de moto, que aconteceu no estacionamento de um supermercado. Isso foi filmado, a pessoa foi filmada roubando essa placa e colocando ela na moto. E essa fonte foi uma fonte nossa, que a gente teve, e aí começou a se levantar a suspeita de que aquele homem poderia ser o suposto serial killer, que também acabou ajudando na investigação e depois foi comprovado futuramente que realmente era ele, e no final das contas acabou que as autoridades oficiais de segurança admitiram se tratar realmente de um serial killer, e gente foi entender melhor a dinâmica desses crimes, a quantidade de vidas perdidas. Houve algumas críticas na época do porque não se suspeitou disso com antecedência, se não poderia ter sido evitado uma parte dessas mortes e a gente acompanhou até o final.

Realmente teve muito medo mesmo, por exemplo, aparecia motoqueiro e as pessoas ficavam com medo, saíam correndo, se escondiam. Pode até ser que tenha tido algum, pelo fato de ter sido noticiado essa quantidade de mortes, mas o fato é que não é o medo desnecessário, era o medo legítimo, porque existia realmente um serial killer a solta na cidade. E o que a imprensa fez foi o seu papel de informar com responsabilidade, sem levantar hipóteses falsas, mas ouvindo sempre as fontes oficiais, ouvindo as vítimas, parentes das vítimas, investigando circunstâncias. E aí o repórter não é um policial, mas o repórter tem condições de fazer algum tipo de investigação que ele possa, pelo menos, indicar essas coincidências, que foi o caso.

A gente ter uma aparente evidência em mãos, uma negativa oficial, e ao mesmo tempo, esse a responsabilidade que a gente tinha de não divulgar um fato que não tivesse provas ainda suficientes, né? Mas por isso a gente seguiu investigando, tentando conseguir informações novas que a gente pudesse manter os leitores informados. Foi uma cobertura assim bastante intensa e tensa também, né? Porque além da gente reportar como profissionais, a gente também como pessoas também. Tive amiga que parou de sair de casa para passear com o cachorro na rua, por exemplo. E os motociclistas passaram a ser vítimas de preconceito, eles que já são por causa de assaltos, mas principalmente nessa época, que realmente era um fantasma que estava rondando pela cidade.

Mas no final das contas, os passos que eles conduziram as investigações foram eficientes, tanto que chegaram a desvendar o caso. Eu não sei dizer se o tempo, se precisaria de todo esse tempo, que no final das contas, foram muitas vítimas, muita gente que perdeu a vida, famílias destruídas, mais de 30 famílias destruídas. Mas o fato é que no final das contas, e somaram uma série de indícios que eles foram seguindo e que acabou revelando a verdade.

Foi uma sensação de, ao mesmo tempo que de alívio, mas de choque também, né? Porque de choque, no sentido de pensar que é possível existir uma pessoa daquela. Você confirmar uma coisa, uma suspeita forte, mas quando você aquilo confirmado, você vê aquela pessoa falando com aquela frieza e tentar entender o que se passa na cabeça de uma pessoa assim é impressionante.

### **JORNALISTA RENATO ALVES**

Naquela época as redes sociais engatinhavam ainda. Na verdade, a maioria nem existia. Então a gente se informava pelos sites convencionais. No meu caso eu não me lembro exatamente qual foi, mas eu acho que eu fiquei sabendo o caso ou pelo G1 de Goiás ou pelo site do O Popular. Na condição do Correio Braziliense, eu vivia fuçando histórias que aconteciam no entorno do Distrito Federal ou mesmo até na capital Goiânia. E por isso muitos casos eu fui enviado a Goiânia para cobrir.

Creio que a maior dificuldade para cobrir esse caso foi a falta de informação em relação aos personagens né? Ao autor do crime e a vítima. Porque não havia, a gente não conseguia falar com familiares de ambos. Principalmente da vítima que era uma britânica, a gente tinha muito pouco informações para contextualizar o caso, pra saber o que que havia levado um menino, um jovem de Goiás, cometer um crime tão bárbaro quanto uma menina que aparentemente não tinha nada de errado. Era uma relação pelo que aparentemente a gente sabia, não havia nada de tão conturbado assim, só que com o desenrolar do caso, nada que justifique claro não há modificativo para nenhum tipo de crime, mas com o desenrolar do caso a gente foi vendo o contexto daquela relação.

O jornalismo em si, como é nesses casos, ele é fundamental para cobrar uma resposta rápida das autoridades, apesar de que nem sempre a resposta rápida, ela vai ser a melhor resposta, a resposta adequada, a casos policiais que a gente precisa dar tempo a polícia, não era o caso. Esse caso não, porque você tinha ali, logo a Polícia achou o corpo, logo sabia se quem era autor do crime. Então não havia um grande mistério. O mistério que rondava, como eu disse na resposta anterior, que rondava o crime, é do que havia motivado ele. Ao jovem fazer um crime de maneira tão Bárbara assim, né?

O negativo nessa história, na verdade, da relação da Polícia com a imprensa, foi o que eu vi a espetacularização do crime, como ocorre muito em casos policiais, por parte da própria polícia de Goiás, isso infelizmente, isso é meio corriqueiro nesses casos de maior repercussão, principalmente no Estado de Goiás, a Polícia não costuma preservar nem mesmo vítimas. Eu vi cenas nessa cobertura que eu achei abomináveis por parte da Polícia. A Polícia deixou,

inclusive, parte da imprensa acompanhar os depoimentos na antessala no corredor, vindo tudo gravando, filmando, com a entrada ao vivo em televisões, e é completamente desnecessário. Há muitos detalhes em crimes, principalmente em crimes como esses, que não são de interesse público, pode ser de interesse do público, mas não são interesse público, não deveriam vir à tona.

Essa questão da espetacularização sempre leva para um lado que não deveria levar, o que na verdade isso não colabore em nada para o aprofundamento de um caso, para discussões que deveriam a ver se fosse o caso, né? Como nessa questão, que era a questão de droga, a questão da relação familiar, das relações familiares, e o tipo de cobertura que foi dada, como geralmente é, a gente teve recentemente o caso do Lázaro aqui em Brasília. Eles não levam reflexões mais profundas, não levam a debates que possa colaborar de alguma forma para minimizar essa violência, para se evitar determinado tipo de crime. Então não é que levou maior medo, levou na verdade muito preconceito, coisas que não deveriam, não é um caso, entendeu.

Algo que eu sempre vejo como abominável nessas coberturas é a relação de determinados setores da imprensa, determinados tipos de veículos ou de programas de jornalismo, que às vezes não são nem jornalista, são mais entretenimento, né? É a relação, que muitas vezes promíscuo, entre repórteres e apresentadores, com policiais, com delegados em troca de uma informação, isso não cabe mais. Isso é um jornalismo dos anos 70 e 80, que a gente já deveria ter superado, mas que infelizmente ainda há essa relação e não por um acaso um método, a gente vê inclusive alguns desses jornalistas, alguns desses apresentadores de TV, se envolvendo com a política, né, se tornando deputado ou as vezes vereador. E eu acho que é uma boa reflexão, para a gente pensar, é a gente assistir com mais atenção, por exemplo, o filme “Tropa de Elite 2” e ver como se dá essa relação desses apresentadores de determinados programas com o meio político e qual é a troca que se dá em função de que, e dos reais interesses que há por trás ali, em nome de uma falsa defesa da segurança da população? Eu acho que essa reflexão que a gente deveria fazer nós, jornalistas.

## **Apêndice C – Roteiro do podcast**

### **ROTEIRO PODCAST**

#### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA** - NOS ANOS DE 2013 E 2014, GOIÂNIA VIVENCIOU UMA SÉRIE DE CRIMES QUE CHOCARAM, NÃO APENAS A CAPITAL, MAS O PAÍS. / NESSE PERÍODO, PASSAVA A CIRCULAR NA IMPRENSA A POSSIBILIDADE DE QUE OS ASSASSINATOS ERAM COMETIDOS POR UMA ÚNICA PESSOA, O QUE APONTAVA PARA A EXISTÊNCIA DE UM SERIAL KILLER NA CAPITAL. //

#### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA** - O MANÍACO DE GOIÂNIA CONFESSOU TER ASSASSINADO 39 PESSOAS, A MAIORIA MULHERES. / ENTRE OS HOMENS, ALGUNS SERIAM MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA E HOMOSSEXUAIS. / O SERIAL KILLER AGIA DE MOTOCICLETA, ENQUANTO VESTIA UM CAPACETE PRETO E ÀS VEZES JAQUETA, O QUE VIROU SUA MARCA. //

#### **BG – BARULHO DE MOTO E TIRO**

**LARA:** CONDENADO A MAIS DE 600 ANOS DE PRISÃO, TIAGO HENRIQUE GOMES DA ROCHA CUMPRE PENA EM REGIME FECHADO, NO ESTADO DE GOIÁS. //

#### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA** – ESSE PODCAST, PRODUZIDO POR MIM, LARA BEATRIZ, TEM O OBJETIVO DE CONTAR ESSA HISTÓRIA, MAS A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS JORNALISTAS QUE COBRIRAM O CASO, TÃO RELATADO EM REPORTAGENS E DOCUMENTÁRIOS. / PRIMEIRO, VOLTEI AOS JORNAIS DA ÉPOCA PARA LEVANTAR QUEM FORAM ESSES PROFISSIONAIS. / DEPOIS, FOI O MOMENTO DE SABER EM QUE VEÍCULOS ESTÃO ATUANDO. / COM ESSAS INFORMAÇÕES EM MÃOS, ENTREI EM CONTATO, MARQUEI AS ENTREVISTAS, O QUE NÃO FOI TÃO SIMPLES, JÁ QUE AS AGENDAS SÃO SEMPRE APERTADAS. / E SÃO ESSES PROFISSIONAIS QUE ILUSTRARAM ESSE PODCAST. //

**TEC: SOLTAR VINHETA DE ABERTURA**

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA** – GALTIERY RODRIGUES, NA ÉPOCA DOS ASSASSINATOS COMETIDOS PELO SERIAL KILLER TIAGO HENRIQUE GOMES DA ROCHA, ATUAVA NO O POPULAR, MAIOR JORNAL DE GOIÁS. / ATUALMENTE, TRABALHA NO SITE METRÓPOLES, NA SUCURSAL EM GOIÂNIA. / O JORNALISTA FOI UM DOS PRINCIPAIS REPÓRTERES A COBRIR OS ASSASSINATOS. / POR CONFLITOS DE AGENDA, MINHA CONVERSA COM ELE, QUE EM UM PRIMEIRO MOMENTO RESGATA COMO A HISTÓRIA CHEGOU À REDAÇÃO, FOI REALIZADA ON-LINE. //

**TEC: ÁUDIO DO GALTIERY**

**“[...] Começou todo aquele burburinho ali no primeiro semestre de 2014. De que poderia a ter, né? Um serial killer em ação em Goiânia, mas chegou a circular um áudio, né? De WhatsApp, de pessoas falando que teria um homem matador, que andava numa moto pela cidade, enfim. E também ao mesmo tempo que tinha todo esse burburinho, tinha uma resistência das forças de segurança principalmente, da Polícia Civil, da Secretaria de Segurança Pública em afirmar isso, que havia essa pessoa, né? Chegaram a dizer que não, chegaram a falar que não, que não existia e enfim. A chegada dessa informação à redação,**

**chegou dessa maneira indiciária, né? Com indícios de uma coisa meio de falatório na cidade, de medo, enfim.”**

**LARA – NA ÉPOCA, ROSANA MELO ERA REPÓRTER POLICIAL, TAMBÉM NO O POPULAR. / ME ENCONTREI COM ELA E COM A JORNALISTA SILVANA BITTENCOURT, EDITORA-EXECUTIVA DO JORNAL, PARA CONVERSARMOS SOBRE A COBERTURA DO CASO. //**

**BG – MEU ÁUDIO DEIXANDO O MEU PRÉDIO – ENTRANDO NO UBER – CHEGANDO NA JAIME CAMARA E CONVERSANDO COM A SECRETÁRIA**

**LARA – AO CHEGAR NA REDAÇÃO, LOCALIZADA NA SEDE DO GRUPO JAIME CÂMARA, REGIÃO SUL DA CAPITAL, AS DUAS JORNALISTAS JÁ ESTAVAM ME ESPERANDO. / ROSANA ME CONTOU QUAL FOI A PARTE MAIS DIFÍCIL DESSA COBERTURA. //**

**TEC: ÁUDIO DA ROSANA**

**“E os maiores desafios pra essa cobertura foi exatamente o fato da polícia não admitir inicialmente a existência de um serial killer em Goiânia. E realmente seria inusitado. Nos mais de vinte e cinco anos que eu trabalhei com jornalismo, a gente não tinha noção de que isso pudesse acontecer em Goiânia ou em Goiás apesar de alguns casos pontuais já terem surgido de pessoas que mataram mais de uma pessoa ou várias pessoas, teve o Corumbá e teve alguns assaltantes também, brigas de gangues, mas sistematicamente um modelo de vítima com um jeito de agir específico que define o que é ser um serial killer isso a gente ainda não tinha observado aqui, e o mais difícil foi a polícia admitir e não admitindo, nós da imprensa não poderíamos falar né? E a gente não podia falar que era, a gente não podia bancar aquilo. Então isso dificultou um pouco, mas no final comprovou que era um serial killer e foi surpresa inclusive pra mim.”**

**LARA** – MESMO COM AS EVIDÊNCIAS E COM A POPULAÇÃO EM PÂNICO, PUBLICAMENTE, A POLÍCIA NEGAVA CONEXÃO ENTRE AS MORTES. / ASSASSINATOS, EM SUA MAIORIA, ASSOCIADOS PELA SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO AO TRÁFICO DE DROGAS. / ATÉ QUE UM JORNALISTA DA CIDADE, QUE APURAVA O CASO, OBTEVE DE FONTES DA PRÓPRIA SEGURANÇA PÚBLICA, A INFORMAÇÃO DE QUE AS AUTORIDADES TRABALHAVAM COM A HIPÓTESE DE UM SERIAL KILLER. //

**TEC: SOBE E DESCE BG DE SUSPENSE**

**LARA:** JAIRO MENEZES, EM UMA CONVERSA COMIGO, ALEGA SER O PRIMEIRO A REVELAR A EXISTÊNCIA DE UM SERIAL KILLER NA CAPITAL. / ELE ME RECEBEU NA TV GOIÂNIA, EMPRESA EM QUE ATUA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG DE SUSPENSE**

**LARA** – CONTRATADO COMO JORNALISTA INVESTIGATIVO NA TV SERRA DOURADA, DURANTE OS ASSASSINATOS, JAIRO TINHA O HÁBITO DE LIGAR NA POLÍCIA TODOS OS DIAS. / A PARTIR DAS INFORMAÇÕES LEVANTADAS, O REPÓRTER FAZIA UMA LISTA DAS MORTES REGISTRADAS NA CAPITAL, COM DADOS SOBRE AS VÍTIMAS, ALÉM DE DATA E LOCAL EM QUE OCORRERAM. //

**TEC: ÁUDIO DO JAIRO**

“Nesse contexto eu fui fazer uma matéria especial lá no Instituto de Criminalística sobre como o crime poderia ser solucionado pela ciência. Seria uma pauta especial, só que nessa matéria eu encontrei com a fonte primária que me deu a informação do Serial Killer. Fonte primária no jornalismo você sabe muito bem é aquela pessoa que te dá a dica do

assunto. E você aparenta ignorar aquela fonte, mas você pega aquilo para apurar e aprofundar. Durante as entrevistas para essa matéria sobre o crime solucionado pela ciência, uma perita do instituto de balística lá dentro me disse que eles estavam apurando uma situação e já tinham confirmado pelos exames de balística que cinco pessoas haviam sido mortas com a mesma arma em Goiânia em regiões próximas, durante tal e tal período. Falei: “Nossa, mas isso foi identificado como?”, ela falou: “Não, as pessoas chegam aqui e a gente faz nos corpos, a gente faz o raio X e depois a gente, os peritos pegam essas cápsulas de dentro dos corpos e fazem os exames, aquelas situações que se confrontam a gente acende esse alerta e comunica a Polícia Civil”. Eu falei: “Ótimo, beleza. Não tem problema não”.”

**LARA – JAIRO EXPLICA QUE FOI ASSIM QUE COMEÇOU A MONTAR O QUEBRA-CABEÇA. //**

### **TEC: ÁUDIO DO JAIRO**

“Então eu sabia quem que eram as vítimas e quais regiões, que hora que elas foram mortas, com o que que elas foram mortas, tiro sempre na mesma região, num curto espaço geográfico e quase sempre no mesmo horário.”

### **TEC: SOBE E DESCE BG DE SUSPENSE**

**LARA –A PARTIR DESSE MOMENTO, O REPÓRTER FOI ATRÁS DE FONTES PARA CONFIRMAR A HISTÓRIA. / GRAVOU COM O PSICÓLOGO FORENSE LEONARDO FERREIRA FARIA, COM O EX-PRESIDENTE DO CREMEGO, QUE É O CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DE GOIÁS, SEBASTIÃO FERNANDES MOREIRA, CONVERSOU COM O JUIZ DA VARA DE CRIMES DOLOSOS CONTRA A VIDA DE GOIÂNIA, EDUARDO PIO MASCARENHAS DA SILVA, E TODOS CONFIRMARAM QUE HAVIA SIM A POSSIBILIDADE DE TER UM ASSASSINO EM SÉRIE ATUANDO EM GOIÂNIA. //**

**TEC: SOBE E DESCE BG DE SUSPENSE**

**LARA** – EM UMA CONVERSA COM O DELEGADO RESPONSÁVEL PELA DELEGACIA DE HOMICÍDIOS À ÉPOCA, DOUTOR MURILO POLATTI, JAIRO TEVE SUA SUSPEITA CONFIRMADA DE FORMA OFICIAL. //

**TEC: ÁUDIO DO JAIRO**

“Então eu entrei em contato com o delegado responsável pela Delegacia de Homicídios, Dr. Murilo Polatti, ele virou pra mim e falou: “Jairo, isso é uma mentira, que ideia louca, você está maluco”, por telefone ele falou isso. Eu falei: “Doutor, mas pode haver essa situação, vocês estão investigando?”, e ele: “Não, isso não existe, não estamos investigando nada disso”, falei: “Mas o senhor me recebe aí na Delegacia?”, precisava que ele falasse isso: “O senhor me recebe aí na Delegacia pra gravar?”, ele falou: “Recebo”. Então eu fui lá e antes da entrevista eu conversei com o cinegrafista pra gravar tudo na nossa conversa. E o Dr. Murilo Polatti me confirmou a existência do serial killer, mas na hora da gravação ele negou. Na hora da gravação ele disse: “Não isso não passa de uma humilhação, é uma conversa que nós não estamos nem tratando sobre isso, isso não passa de fofoca”. Praticamente falou que havia uma fofoca, mas por trás das câmeras ele já havia me confirmado.”

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA** – AGORA ERA ESCREVER A MATÉRIA. //

**TEC: ÁUDIO DO JAIRO**

**“Eu já tinha quatro fontes, eu escrevi a matéria toda, escrevi o repórter, eu não era repórter da TV, eu era produtor e eu escrevi o repórter Lucílio Macedo, gravou todo o off, eu editei a matéria, acrescentei as sonoras onde deveria colocar. E descobri antes de ir ao ar que o Secretário de Segurança Pública havia sido convidado pela produção, pela redação pra ir falar sobre redução de índice de criminalidade. Então era uma pauta positiva pra ele e ele foi pra publicizar o bom trabalho da segurança pública na emissora, foi dar uma entrevista no estúdio. Terminou a entrevista no estúdio eu estava na porta do estúdio com a câmera ligada e o microfone, eu apontei pra ele e perguntei: “Me fala sobre a possibilidade de haver um serial killer que vocês estão investigando porque tem cinco mortes com uma arma só”. E ele confirmou.”**

#### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA – E FOI ASSIM QUE A PRIMEIRA REPORTAGEM SOBRE UM POSSÍVEL SERIAL KILLER NA CAPITAL FOI AO AR. / MATERIAL VEICULADO NO DIA 5 DE AGOSTO DE 2014 PELO JORNAL DO MEIO DIA, PROGRAMA TRANSMITIDO PELA TV SERRA DOURADA, AFILIADA DO SBT EM GOIÂNIA //**

**BG – ÁUDIO DO JORNALISTA JORDEVÁ ROSA (ÁUDIO YOUTUBE): SÃO GRANDES AS SEMELHANÇAS ENTRE OS CASOS DE ASSASSINATOS DE MULHERES AQUI NA CAPITAL, QUE FAZ A POPULAÇÃO ACREDITAR MESMO NA EXISTÊNCIA DE SERIAL KILLER. / AS CARACTERÍSTICAS, COMO VOCÊ VAI VER, A COR DO CAPACETE, A MOTO, O PORTE FÍSICO DO CRIMINOS, O HORÁRIO DOS CRIMES, TUDO ISSO CHAMA MUITO A ATENÇÃO. //**

#### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA - A PARTIR DAÍ, O JORNALISMO, NÃO SÓ DE GOIÁS, MAS DO BRASIL, FALAVA EM UM ASSASSINO EM SÉRIE NA CAPITAL. / E NÃO LEVOU MUITO TEMPO PARA QUE AS MATÉRIAS GERASSEM PÂNICO, PRINCIPALMENTE ENTRE**

AS MULHERES, CLARO. / A MAIORIA DAS VÍTIMAS, AFIRMAVA A IMPRENSA, TINHA CABELOS PRETOS E LONGOS. / ESSA INFORMAÇÃO LEVOU MUITAS MULHERES A PINTAREM OU CORTAREM OS CABELOS. / NA ÉPOCA, MUITAS GAROTAS PREFERIAM MANTER OS CABELOS PRESOS. //

**LARA** - O MEDO E O PAVOR PAIRAVAM SOBRE GOIÂNIA. / PERGUNTEI PARA MEUS ENTREVISTADOS SE ELES ACHAVAM QUE O JORNALISMO TEVE CULPA NESSA SITUAÇÃO. / PARA ROSANA QUEM CAUSAVA PÂNICO NA CIDADE NÃO ERA A IMPRENSA, MAS TIAGO. / A JORNALISTA É ENFÁTICA AO DEFENDER QUE A IMPRENSA NÃO GEROU MEDO, MAS ALERTOU A POPULAÇÃO E A SEGURANÇA PÚBLICA. //

#### **TEC: ÁUDIO DA ROSANA**

**“Olha na época o caso gerou muito medo na população, porque não se via a questão assim de uma pessoa matando mulheres na cidade, já tinha umas cinco, seis vítimas e as pessoas estavam com medo de sair na rua, com medo de um motoqueiro chegar perto e criou sim um temor na época, mas eu não acho que seja a culpa da imprensa não. Acho que a imprensa ela foi tão necessária nesse momento porque a polícia se calou ou negava a relação entre os casos. E a partir do momento que a imprensa toma para ser responsabilidade de esclarecer o que estava acontecendo, não acredito que ela tenha culpa né? Nesse temor, nesse medo gerado na população na época não. Quem gerou mesmo o medo na população foi o Tiago. Sair matando por aí né?”**

**LARA** - O JORNALISTA RENATO ALVES FOI O REPÓRTER ESCALADO PELO CORREIO BRAZILIENSE PARA FAZER A COBERTURA DOS ASSASSINATOS. / HOJE REDATOR DO JORNAL O TEMPO, DE BELO HORIZONTE, RENATO, QUE ATUA NA SUCURSAL EM BRASÍLIA, ACREDITA QUE HOVE SIM UMA ESPETACULARIZAÇÃO EM TORNO DO SERIAL KILLER. //

**TEC: ÁUDIO DO RENATO**

**“[...] O negativo nessa história, na verdade, da relação da Polícia com a imprensa, foi o que eu vi a espetacularização do crime, como ocorre muito em casos policiais. Para a polícia de Goiás isso, infelizmente, isso é meio corriqueiro nesses casos de maior repercussão, principalmente no Estado de Goiás, a Polícia não costuma preservar nem mesmo vítimas. Muitas vezes eu vi cenas nessa cobertura que eu acho que abomináveis por parte da Polícia. A Polícia deixa inclusive parte da imprensa acompanhar os depoimentos antessala no corredor, vindo tudo gravando, filmando, com a entrada ao vivo em televisões e completamente desnecessário.”**

**LARA - A EX-JORNALISTA DO O POPULAR ROSANA MELO, ASSIM COMO OUTROS JORNALISTAS QUE COBRIRAM O CASO, ATRIBUI À IMPRENSA A DESCOBERTA DE “UM HOMEM MATANDO MULHERES EM GOIÂNIA”, ISSO BEM ANTES DA POLÍCIA COMEÇAR A INVESTIGAÇÃO, COMO AFIRMA TAMBÉM JAIRO MENEZES. //**

**TEC: ÁUDIO DO JAIRO**

**“Bom se as investigações foram bem conduzidas, é depois que a polícia admitiu que realmente existiu um serial killer em Goiânia, aí sim as investigações foram bem conduzidas. Antes a polícia queria negar tanto, mas tanto que eu acho que ela não enxergava o óbvio. Que primeiro foi a imprensa que desconfiou. Mas depois disso, depois que o Tiago confessou todos os crimes a polícia fez uma boa investigação [...]”**

**LARA – O QUE PODE SER OBSERVADO TAMBÉM NA FALA DO REPÓRTER GALTIERY RODRIGUES //**

**TEC: ÁUDIO DO GALTIERY**

“A imprensa foi essencial. Assim, no meu ponto de vista, porque foi a gente que tornou... imagine você, o Estado não iria falar abertamente sobre esse caso. A Polícia Civil não iria falar abertamente sobre essa história se não fosse a pressão pública e a pressão da imprensa sobre isso. Então eles resistiram em falar abertamente sobre esse caso até o dia da prisão do serial killer, que foi só em outubro, então ele já estava matando em Goiânia desde janeiro. Então desde o momento que a imprensa começou a levantar essa suspeita, começou a levantar esses indícios assim e é importante destacar que no dia a dia de jornalista, de reportagem quem já tem fontes ali muito estabelecidas na segurança pública, é natural você falar em on, falar em off com um ou outro ali, então em off alguns davam a sinalização de que de fato existia, né? Uma pessoa, um homem que estava matando mulheres em Goiânia. Então a gente sabia, isso dava segurança pra gente, escrever e pressionar de certa forma, né? E dar mais visibilidade pro caso assim. Então foi o essencial assim.”

#### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA - TIAGO HENRIQUE GOMES DA ROCHA FOI PRESO NO DIA 14 DE OUTUBRO DE 2014, NA AVENIDA CASTELO BRANCO, APÓS DOIS MESES DE BUSCAS E INVESTIGAÇÕES. / ELE FOI ENCAMINHADO PARA A DELEGACIA ESTADUAL DE INVESTIGAÇÕES DE HOMICÍDIOS, ONDE CONFESSOU OS CRIMES. //**

**LARA - TIAGO HENRIQUE, QUE À ÉPOCA ATUAVA COMO VIGILANTE EM UM HOSPITAL DA CIDADE, ENFRENTOU 40 JULGAMENTOS POR HOMICÍDIOS. / ELE FOI CONDENADO A MAIS DE 600 ANOS DE PRISÃO POR 39 CRIMES E HOJE VIVE SEPARADO DE OUTROS PRESOS NO NÚCLEO DE CUSTÓDIA DE APARECIDA DE GOIÂNIA. //**

#### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA – PARA A REPÓRTER ROSANA MELO, O JULGAMENTO E A PRISÃO DE TIAGO REPRESENTARAM TAMBÉM O RECONHECIMENTO DO TRABALHO JORNALÍSTICO. //**

**TEC: ÁUDIO DA ROSANA**

**“Eu fiquei muito aliviada, na verdade quando ele confessou não só a morte das mulheres como a dos moradores de rua, porque quando houve a série de assassinatos de moradores de rua, eu levantei pautas de um serial killer, de alguém que tivesse fazendo uma limpeza social na cidade e eu também fui taxada de louca na época. Então foi um alívio muito grande saber que eu estava correta, que houve esse feeling né? E que eu tive esse feeling e satisfeita também do O Popular ter bancado isso daí. Eu gostei muito. E fiquei muito aliviada, como todo mundo ficou, do serial killer ter sido preso. Mas todo mundo ficou muito surpreso, não só a imprensa, como a polícia e a família de todas as vítimas, todo mundo ficou muito surpreso com o número de mortes que ele confessou. Foi assustador. Eu nunca imaginei que ele tivesse matado tantas pessoas, ele se lembrou de detalhes de cada um dos crimes que ele confessou e só depois eu fiquei com a impressão de que ele não confessou todos, tem mais coisa, é uma impressão que eu tenho, a polícia não confirma isso.”**

**LARA – A JORNALISTA ACREDITA QUE O TRABALHO DA IMPRENSA CULMINA NA JUSTIÇA SOCIAL, E, NESSE CASO, NA JUSTIÇA PARA AS VÍTIMAS DO SERIAL KILLER. //**

**TEC: ÁUDIO DA ROSANA**

**“E apesar de ter estudado sobre personalidades, psicopatas e tudo mais para fazer esse tipo de cobertura, eu nunca imaginei que eu chegasse a conhecer um. Então quando essa possibilidade surgiu, eu agarrei assim com força pra não deixar passar nada, então foi bem interessante mesmo foi uma cobertura que eu gostei de finalizar. Porque eu entendo**

que houve uma justiça para essas meninas que foram mortas, para a família delas que sofreu e sofre ainda, e resguardou a vida de outras tantas que ele certamente mataria.”

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA** - TIAGO NASCEU NO DIA 4 DE FEVEREIRO DE 1988, EM GOIÂNIA. / CRIADO PELA MÃE E PELOS AVÓS MATERNOS, ERA UM RAPAZ COMUM: ALTO, BRANCO, CABELOS LISOS E PRETOS. / ELE NUNCA CHEGOU A CONHECER O PAI, E TEM UM IRMÃO MAIS NOVO, FILHO DE OUTRO RELACIONAMENTO DE SUA GENITORA. / OS DOIS SÃO REGISTRADOS APENAS NO NOME DA MÃE, QUE, EM DECLARAÇÕES PARA A IMPRENSA À ÉPOCA, REVELOU QUE O FILHO SEMPRE FOI UMA PESSOA RESERVADA E TÍMIDA. //

**LARA** – O PERÍODO DE ATIVIDADE DO MANÍACO DE GOIÂNIA, COMO FICOU CONHECIDO, FOI DE 2011 A 2014, ANO EM QUE FOI PRESO. / EM TESTEMUNHOS INICIAIS PARA A POLÍCIA, TIAGO HENRIQUE GOMES DA ROCHA REVELOU QUE SUA PRIMEIRA VÍTIMA FOI DIEGO MARTIN MENDES, UM ESTUDANTE DE 16 ANOS. / O CORPO DO JOVEM, ASSIM COMO DE OUTRAS SUPOSTAS VÍTIMAS DO ASSASSINO CONFESSO, NUNCA FOI ENCONTRADO. //

### **TEC: BG ÁUDIO VIOLINO TRISTE**

**LARA** – SUA ÚLTIMA VÍTIMA FOI ANA LÍDIA GOMES, DE APENAS 14 ANOS. / A GAROTA FOI ASSASSINADA NO DIA 2 DE AGOSTO DE 2014, NA RUA PARATINGA, NO SETOR CIDADE JARDIM, REGIÃO CENTRAL DE GOIÂNIA, EM UM PONTO DE ÔNIBUS. / A MENINA AGUARDAVA A CONDUÇÃO PARA IR À FEIRA DA LUA, UMA DAS PRINCIPAIS ATRAÇÕES DA CIDADE, QUE REÚNE TURISTAS E MORADORES EM BUSCA DE ROUPAS, CALÇADOS, ACESSÓRIOS E PRODUTOS PARA CASA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LARA** – SILVANA BITTENCOURT, QUE NOS ANOS DOS ASSASSINATOS ERA EDITORA DE CIDADES DO O POPULAR, E QUE ACOMPANHOU MINHA CONVERSA COM A REPÓRTER ROSANA MELO, ENFATIZOU O PAPEL SOCIAL DA IMPRENSA E FEZ QUESTÃO DE REFORÇAR A RESPONSABILIDADE DO JORNALISMO NESSE TIPO DE COBERTURA. //

**TEC: ÁUDIO DA SILVANA**

**“O que a imprensa fez foi seu papel de informar com responsabilidade, sem levantar hipóteses falsas, ouvindo sempre as fontes oficiais, ouvindo as vítimas, parentes das vítimas, investigando circunstâncias. E aí repórter não é um policial, mas o repórter tem condições de fazer algum tipo de investigação, que ele possa pelo menos indicar essas coincidências, que foi o caso”**

**TEC: SOBE E DESCE BG,**

**LARA:** VOCÊ ACABA DE OUVIR O PODCAST A IMPRENSA NO CASO DO MANÍACO DE GOIÂNIA. / A PRODUÇÃO, RESULTANTE DA DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, É MINHA, LARA BEATRIZ FERREIRA PALMEIRA. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA, MESTRE EM COMUNICAÇÃO E CIDADANIA, DENIZE DAUDT BANDEIRA. / A TÉCNICA É DE NILSON RIBEIRO FILHO. / A GRAVAÇÃO E EDIÇÃO FORAM REALIZADAS NO LABORATÓRIO DE RÁDIO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. / A FINALIZAÇÃO DO PROJETO, PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO, FOI EM 2022. //

